

Ana Célia Garcia de Sales

PICHADORES E GRAFITEIROS: MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA CIDADE DE CAMPINAS-SP

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Alves do Valle

Este exemplar é a redação final da
Dissertação defendida pela Sra. **Ana Célia
Garcia de Sales** e aprovada pela Comissão
Julgadora em **27/08/2007**.


Prof. Dr. Marco Antonio Alves do Valle
- Orientador -

CAMPINAS

2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

Sa32p	Sales, Ana Célia Garcia de. Pichadores e Grafiteiros: Manifestações Artísticas e Políticas de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade de Campinas-SP. / Ana Célia Garcia de Sales – Campinas, SP: [s.n.], 2007.
Campinas,	Orientador: Marco Antônio Alves do Valle. Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Instituto de Artes. 1. Pichação de muros 2. Artes urbana - Grafite. 3. Artes e adolescentes 4. Movimento da juventude 5. Hip-Hop (Cultura popular jovem) 6. Patrimônio Histórico - Campinas-SP 7. Patrimônio Cultural - Campinas-SP - I. Valle, Marco Antônio Alves do. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

res and Graffiters: Artistic Manifestations and Preservation Politics of the Historical and Cultural Patrimony of Campinas-SP”.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Pichadores. Graffiters. Visual Arts. Popular Culture. Hip-Hop. African-Brasílian. Historical and Cultural Patrimony Campinas-SP.

Titulação: Mestre em Artes

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marco Antonio Alves do Valle

Prof. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

Prof. Dr. Ernesto Giovanni Boccara

Prof. Dra. Maria Silvia Barros de Held

Prof. Dra. Débora Cristina Jeffrey

Data da Defesa: 27-08-2007

Programa de Pós-Graduação: Artes

AGRADECIMENTOS

Instituto de Artes

Comissão de Pós-Graduação

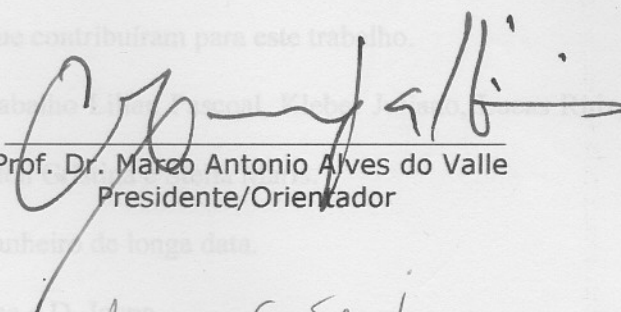
Ao Prof. Dr. Marco Antonio, orientador e amigo, pelo incentivo, pela disponibilidade e pelas contribuições sempre pertinentes dadas a este trabalho.

Defesa de Tese de Mestrado em Artes, apresentada pela Mestranda Ana Célia Garcia de Sales - RA 950125 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:

Aos professores Paulo Kuhl e Cláudia Vallação.

Aos artistas de Campinas que contribuíram para este trabalho.

Aos queridos colegas de trabalho: José Carlos Pereira,

Elias Martins Amorim, K...

Prof. Dr. Marco Antonio Alves do Valle
Presidente/Orientador

Ao Cláudio, amigo e companheiro de longa data.

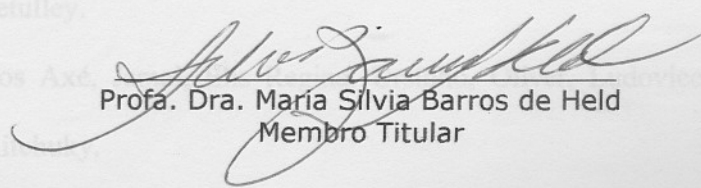
As vizinhas e amigas D. Lina, D. J...

Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto
Membro Titular

Aos queridos colegas: Cardoso, Cristiane Freitas,
Juliana e Edaleé.

Aos queridos amigos Miriam, Michele, Raquel, Cláudio, Andrea Cristiane, Del Vecchio, Tatiana,

Cely, Rodrigo e Ketulley.

Aos amores eternos Axé, ...

Profa. Dra. Maria Silvia Barros de Held
Membro Titular

Docinho, Rhaul, K...

A toda minha família, pelo carinho e pelo constantes

200813623

Aos professores Paulo Kuhl e Cláudia Valladão.

Aos artistas de Campinas que contribuíram para este trabalho.

Aos queridos colegas de trabalho Lilian Pascoal, Kleber Juliano, Lucas Ruiz, José Carlos Pereira, Elias Martins Amorim, Kellen Cristina e Stella Maris.

Ao Cláudio, amigo e companheiro de longa data.

Às vizinhas e amigas D. Lina e D. Joana.

Aos queridos colegas da graduação Cleide, Sérgio Arnaldo, Márcio Cardoso, Cristiane Freitas, Juliana e Edaleé.

Aos queridos amigos Miriam, Michele, Raquel, Clodoaldo, Andrea Cristiane, Del Vechis, Tatiana, Cely, Rodrigo e Ketulley.

Aos amores eternos Axé, Jamal, Elis Regina, Ursinho, Oliver, Ludovico, Lola, Griggia, Yoda, Docinho, Rhaul, Kitchuky.

A toda minha família, pelo carinho e apoio constantes.

RESUMO

O presente estudo apresenta dois tipos de intervenção artística no espaço urbano que se manifestam fora dos circuitos consagrados de produção e circulação da arte: a pichação e o graffiti. Pretende-se aqui expor um outro aspecto, além do marginal e transgressor, da pichação e do graffiti, que é sua riqueza como forma de expressão artística e cultural.

Para tanto se faz necessário fazer a reconstrução sócio-histórica desses dois movimentos, destacando a forte influência americana. Assim, propõe-se analisar como esses movimentos se efetivam enquanto crítica social e cultural no espaço urbano e discutir as iniciativas do poder público municipal, que integram pichadores e grafiteiros, para a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Campinas-SP.

Para o desenvolvimento desta pesquisa é importante além dos aspectos já elencados, definir o momento em que a pichação e o graffiti surgem no Brasil, particularmente na cidade de Campinas no contexto de sua evolução como metrópole.

Palavras chave: Pichação de muros, Arte urbana – Grafite, Artes e Adolescentes, Movimentos de Juventude, Hip Hop (Cultura Popular Jovem), Patrimônio Histórico e Cultural – Campinas-SP.

v

ABSTRACT

This work is about two kinds of urban manifestation that happen out of the official places of production and circulation of art: the pichação and graffiti. Here we intend to expose another character of the pichação and graffiti – more than the marginal and the criminal character – the

artistic and cultural expression.

Then, rebuilt the social history of these movements is necessary, emphasizing the strong american influence. So, we propose to analyse how these movements take part of the urban space, as social and cultural criticism, and discuss the preservation politics of the historical and cultural patrimony of Campinas-SP that cover pichadores and graffiters.

For this research is also important to emphasize the moment that the pichação and graffiti arise in Brazil, specially in Campinas in the context of its developing as metropolis.

Key words: Pichadores, Graffiters, Visual Arts, Popular Culture, Hip Hop, African Brazilian. Historical and Cultural Patrimony of Campinas-SP.

vi

LISTA DAS FIGURAS

FIGURA 1 – PINTURA RUPESTRE, ALTAMIRA – ESPANHA

FIGURA 2 – PICHADOR NO PRÉDIO

FIGURA 3 – GRAFFITI SOB PROPAGANDA

FIGURA 4 – GRAFFITI EM RECIFE

FIGURA 5 – PICHAÇÃO NO TREM

FIGURA 6 – *UNTITLED* DE KEITH HARING, 1982

FIGURA 7 – JEAN-MICHEL BASQUIAT E KEITH HARING, NEW YORK, 1987

FIGURA 8 – *STENCIL ART* DE CELSO GITAHY

FIGURA 9 – *SPRAY ART* DE OSMIR APARECIDO DA SILVA PINHEIRO

FIGURA 10 – GRAFFITI MOGIANA I

FIGURA 11 – GRAFFITI MOGIANA II

FIGURA 12 – GRAFFITI TERMINAL BARÃO GERALDO I
FIGURA 13 – GRAFFITI TERMINAL BARÃO GERALDO II
FIGURA 14 – GRAFFITI CENTRO CAMPINAS I
FIGURA 15 – GRAFFITI CENTRO CAMPINAS II
FIGURA 16 – GRAFFITI MALOCA I
FIGURA 17 – GRAFFITI MALOCA II
FIGURA 18 – GRAFFITI OLITES
FIGURA 19 – GRAFFITI NENÃO
FIGURA 20 – PICHANÇA NA GALERIA PAJÉ, CENTRO CAMPINAS
FIGURA 21 – PICHANÇA EM PRÉDIO, CENTRO CAMPINAS
FIGURA 22 – GRIFES DE PICHADORES
FIGURA 23 – PRÉDIO DE ONDE CAIU O PICHADOR, CENTRO CAMPINAS
FIGURA 24 – PICHANÇA EM HOMENAGEM AO PICHADOR MORTO
FIGURA 25 – DEDICATÓRIA AO PICHADOR MORTO

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – PICHANÇA E GRAFFITI: ABORDAGEM HISTÓRICA E SUAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

1.1 – PICHANÇA E GRAFFITI: ORIGEM E QUESTÕES ATUAIS

1.2 – GRAFFITI E PICHANÇA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

1.3 – GRAFFITI: A ORIGEM DO NOME

1.4 – OS PICHADORES DE POMPÉIA

1.5 – O GRAFFITI E O MUNDO CONTEMPORÂNEO

1.6 – DA PICHANÇA AO GRAFFITI: O MOVIMENTO HIP-HOP AMERICANO

1.7 – O MOVIMENTO HIP HOP NO BRASIL

1.7.1 – O MOVIMENTO HIP HOP EM SÃO PAULO

CAPÍTULO II – CAMPINAS: UM HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO URBANA A METRÓPOLE INDUSTRIALIZADA E AS INICIATIVAS PÚBLICAS PARA ABSORÇÃO DO MOVIMENTO DE PICHADORES E GRAFITEIROS COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA CIDADE

2.1 – A EVOLUÇÃO URBANA DE CAMPINAS DESDE SUA FUNDAÇÃO

2.2 – O MOVIMENTO HIP HOP EM CAMPINAS

2.3 – PICHANÇAS EM CAMPINAS: A QUESTÃO DA TRANSGRESSÃO

2.4 – INICIATIVAS PÚBLICAS PARA ABSORÇÃO DO MOVIMENTO DE PICHADORES E GRAFITEIROS COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA CIDADE

CAPÍTULO III – MOVIMENTO DE PICHADORES E GRAFITEIROS EM CAMPINAS

3.1 – GRAFITEIROS DE CAMPINAS

3.2 – PICHADORES DE CAMPINAS

4 – CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXO

CAPÍTULO I – PICHANÇA E GRAFFITI: ABORDAGEM HISTÓRICA E SUAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

1.1 – PICHANÇA E GRAFFITI: ORIGEM E QUESTÕES ATUAIS

O vestígio mais fascinante deixado pelo homem através dos tempos em sua passagem pelo planeta foi, sem dúvida, a produção artística. Desta produção a mais antiga, com certeza, deu-se sob a forma de desenhos feitos nas paredes das cavernas. As pinturas rupestres são os primeiros exemplos de graffiti que encontramos na história da arte. Elas representam animais, caçadores e símbolos, muitos dos quais, ainda hoje, são enigmas para os arqueólogos. Segundo Gitahy (1999, p. 12): “*Não se sabe exatamente o quê levou o homem das cavernas a fazer estas pinturas, mas o importante é que ele possuía uma linguagem simbólica própria*”.

A respeito dessas pinturas, Lucci (1984, p.15), autor de livros didáticos e também historiador, afirma: “*Ainda habitando nas cavernas, o homem primitivo começou a desenvolver a atividade artística – representava nas paredes, a natureza que o cercava e cenas da vida cotidiana, por meio de desenhos de animais e árvores*”.

Esse costume de exprimir-se graficamente é uma manifestação do sistema de comunicação social. Como tal, a representação gráfica é portadora de uma mensagem cujo significado só pode ser compreendido no contexto social em que foi formulado.

Trata-se de uma verdadeira linguagem, na qual o suporte material é composto por elementos icônicos, cuja completa significação se perdeu definitivamente no tempo por não conhecermos o código social dos grupos que o fizeram.

Não sendo possível a decifração desse código, resta uma possibilidade de se conhecer mais sobre os grupos étnicos da pré-história através da identificação dos componentes do sistema gráfico próprio de cada grupo e de suas regras de funcionamento. Efetivamente, cada grupo étnico possui um sistema de comunicação gráfico diferente, com características próprias. Assim, mesmo que não possamos decifrar a sua significação, será possível identificar cada um dos conjuntos gráficos utilizados pelos diferentes grupos.

Quando os conjuntos gráficos permitem o reconhecimento de figuras e de composições temáticas, existe também a possibilidade de identificação dos elementos do mundo sensível que foram escolhidos para serem representados. Essa escolha é de *fundo*

social sendo também caracterizadora de cada grupo, pois oferece indicadores sobre os elementos do entorno e as temáticas que são valorizadas por cada sociedade.

As pinturas rupestres porém, diferem dos atuais graffitis pela questão da *intenção* ou seja, o homem pré-histórico queria o domínio sobre algo e ao pintar ou registrar graficamente nas grutas ele tinha a idéia do aprisionamento da imagem, enquanto os graffitis são em si um ato de auto-expressão.



Figura 1: Pintura rupestre – Altamira (Espanha)

Fonte: Ramos, P. A. ,1998.

No contexto atual, a pichação e o graffiti podem ser equiparadas a modo pré-histórico de comunicação, por conta da tendência do ser humano em registrar graficamente as coisas e por atender à necessidade de seus autores, seja para demonstrar a desigualdade social que os atinge seja para serem admirados por outros de igual condição.

O pichador ao deixar sua marca em imóveis, monumentos, prédios públicos, e preferencialmente, em locais de difícil acesso, demonstra a necessidade de ser admirado e lembrado pelo grupo. Quanto mais difícil o local pichado, maior será a disputa entre as gangues de pichadores.



Figura 2 – Pichador no Prédio

Fonte: Manco, 2005.

A busca pela auto-afirmação é reflexo da exclusão sofrida pelos grupos marginalizados, não por serem apenas pichadores, mas porque são sujeitos da periferia que estão à margem da sociedade de consumo. Xico Sá, citado por Boleta (2006, p. 9), reforça a questão da auto-afirmação entre os pichadores:

Pixo, logo assusto, impressiono, e existo invertendo a pirâmide escrota e naturalista. O resto é BAFO e bula e abaça o caso. Eis o alfabeto de vera da PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. Purgatório neles ,berram as pequenas autoridades, a Prefeitura, o Estado, as

ONGS, os bons burgueses, ah, entendi, querem salvá-los!!! Que gente decente!!! Então tá combinado, todos doravante, data vênia, esqueceram a palavra vândalo, que pregaram na testa dos ttsss... e querem que os meninos domados, grafitando como os boyzinhos novaiorquinos, bem entendido, rumo às galerias e aos slogans oficiais!

1.2 – GRAFFITI E PICHANÇA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.

A pichação e o graffiti usam o mesmo suporte, a cidade, e o mesmo material, tintas. Assim como o graffiti, a pichação interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera. As pichações são freqüentemente encontradas em espaços internos, como pátios escolares e banheiros públicos¹, além de ambientes freqüentados por uma coletividade, tais como escolas e centros comunitários.

Uma das diferenças fundamentais entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem, enquanto a pichação, a palavra e/ou a letra.

Vários são os significados da pichação: ação de escrever em muros e paredes; aplicar piche ou sujar com piche; falar mal de algo ou alguém, de acordo com esse último conceito, não há quem não tenha pichado uma vez na vida.

Em relação às semelhanças entre graffiti e pichação Ramos (1994, p. 41) comenta: “*A priori, pichação e grafite advêm de uma mesma raiz: são, necessariamente, formas de intervenção e transgressão do espaço urbano*”.

Para o estudo dos graffitis e pichações em Campinas é significativo estabelecer a diferença entre esses dois elementos e discutir a intenção dos grupos de pichadores e grafiteiros (o que será apresentado nos capítulos seguintes), pois ainda que se use o mesmo material (spray) e tendo a cidade, o urbano como suporte, a diferença se dá na linguagem ou na expressão plástica apresentada e na recepção dos signos desses grupos.

Grafiteiros e pichadores em suas manifestações fazem uso de sistemas de representação, através dos quais utilizam símbolos, que podem ser suas *tags* (assinaturas), no caso dos pichadores, e muitas vezes as imagens do cotidiano representadas nos graffitis. Nessa vertente, segundo Hall (1997, p. 25): “*A representação é uma prática, um tipo de*

¹ A esse respeito é significativo o livro de Gustavo Barbosa, *Grafitos de Banheiro: a Literatura Proibida*. Rio de Janeiro, Anima, 1986.

trabalho, que usa objetos materiais e efeitos , cujo significado depende, não qualidade material do signo, mas de sua função simbólica”.

Nesse caso as imagens do graffiti e as pichações demonstram a mobilidade e a transformacionalidade do signo que, por ser histórico, permite uma leitura do universo de forma dialética, preocupada com as relações mutáveis e contraditórias do ser/estar histórico no universo. Nesse contexto de mobilidade, de acordo com Hall (1997, p. 9): “*O significado não é direto, nem transparente e não permanece intacto na passagem pela representação. Trata-se de um cliente escorregadio que muda e se adapta conforme o contexto, o uso e as circunstâncias históricas*”.

Desse modo, pichadores e grafiteiros fazem uso de sistemas conceituais de sua cultura e a linguagem, como também de outros sistemas de representação, para construir significados, para chamar a atenção, protestar. Para Wortmann (2001, p.157):

Essa constante produção de significados está sempre associada a lutas de poder, essa produção se inscreve em relações de poder e é nesse processo que, se define, por exemplo, o que é “ normal ”(ou não) em uma cultura, ou quem pertence a um determinado grupo, ou dele é excluído.

Portanto a exclusão, a marginalidade dos grupos de pichadores e grafiteiros ocorre em função de como o significado de suas manifestações artísticas é dado e recebido, construído e interpretado nas diferentes situações. Tanto na organização, quanto na recepção dos signos, percebe-se e diferencia-se o graffiti da pichação.

Ainda com relação a diferenciação entre graffiti e pichação, Roels Jr. (1988, p.11) afirma:

Grafite não é pichação. O grafite é em geral, um artista plástico que assina a obra da mesma forma como põe seu nome em uma tela. Os integrantes do TupinãoDá, por exemplo, trabalham também com escultura, pintura, desenho e cinema. Já o pichador costuma ser alguém sem conhecimento de artes plásticas, que usa os muros da cidade para queixar-se de dificuldades, mandar recados ou, simplesmente, escrever seu nome.

O graffiti enquanto arte possui características próprias que serão elencadas a seguir:

Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata;
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas;
- Natureza gráfica e pictórica;
- Utilização recorrente de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista;
 - Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da Pop Art;
- Repetição de um mesmo estilo quando feito à mão livre.

Conceituais:

- Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero;
- Discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito humor e ironia;
- Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole;
- Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou credo;
- Produz-se predominantemente em espaços urbanos abertos. Museus e galerias ainda o consideram arte marginal.

O graffiti tem como suporte para a sua realização não somente o muro, mas a cidade como um todo. Postes, calçadas, viadutos etc. são preenchidos por enigmáticas imagens, muitas exaustivamente repetidas, característica herdada da pop art. Efêmero por natureza, comporta conteúdos de crítica social – como foi a fase de super-heróis, em que vários personagens de histórias em quadrinhos foram grafitados pela cidade de São Paulo questionando a falta de sérias lideranças políticas no país – até complexos seres que lembram extraterrestres.

Além disso, muitos grafittis veiculam protestos culturais, poesia concreta, textos bem elaborados e intelectualmente complexos, manifestos escritos de maneira crítica, lúcida e cheia de humor. É uma arte underground, explosiva que pretende mais que uma expressão de idéias, a subversão dos valores estabelecidos e comumente aceitos. É a arte que pretende “acordar” as pessoas que estão hipnotizadas pela mídia e pelo consumismo.

Sempre com muito humor e descontração se contrapõe aos *outdoors* por não levar o espectador à posição passiva de mero consumidor.



Figura 3 – Graffiti sob propaganda

Fonte: Manco, 2005

A atitude de negação do consumismo vai ao encontro da marginalidade das massas, que de acordo com Certeau (1994, p. 44):

A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível,

mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que no entanto pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa.

Nesse sentido a arte marginal do graffiti configura uma revolta contra a ilusão e o *status quo* de uma sociedade pautada por imagens construídas a partir de uma indústria (de massa), da publicidade, do marketing do cinema norte-americano. A arte do graffiti pretende “fazer acordar a grande massa” justamente para a realidade do aqui e do agora, na afirmação de Baudrillard (2004, p. 21): “*recusar o real e de opor ao real outro cenário*”, outro cenário diferente da domesticação, da passividade do espectador.

Além das características gerais elencadas anteriormente, o graffiti no Brasil, em cidades como Rio de Janeiro, Recife, Olinda, Belo Horizonte e Porto Alegre apresenta cenas próprias desses lugares misturadas a elementos da cultura local, como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 4 – Graffiti Recife

Fonte: Manco, 2005

Vale lembrar que toda manifestação artística representa a situação histórica em que esta ocorre, não porque necessariamente toda arte deva ser engajada, mas porque é realizada pelo sujeito-histórico num contexto histórico social e econômico.

O homem, essencialmente social, histórico e comunicativo, constrói cada vez mais sua trajetória pessoal e coletiva na cidade, agindo continuamente pela e sobre ela. A vida, a arte, as representações, a cultura e a história da cidade, nessa abordagem, traduzem a trajetória dos vários seguimentos que a habitam, nos seus embates por reconhecimento e por esse espaço, em que os conflitos e a complexidade são continuamente revelados.

1.3 – GRAFFITI – A ORIGEM DO NOME

A palavra *graffito* vem do italiano, inscrição ou desenhos de épocas antigas, toscamente riscados a ponta ou a carvão em rochas, paredes etc. *Graffiti* é o plural de *graffito*. No singular, é usada para significar a técnica (pedaço de pintura no muro em claro e escuro). No plural, refere-se aos desenhos, exemplo: os *graffiti* do Palácio de Pisa. Apesar de outras grafias adotadas daquela dicionarizada pelo Aurélio, predomina entre os estudiosos do graffiti a grafia italiana. Para Gitahy (1999, p. 13) “... há palavras, no meu entender que devem permanecer em sua grafia original pela intensidade significativa com a qual textualizam dentro de um contexto.”

O graffiti é, portanto, o mais antigo registro gráfico do homem. Historiadores documentam seu retorno em outros espaços e tempos da Antigüidade, como na Grécia e em Pompéia.

1.4 – OS PICHADORES DE POMPÉIA

Conforme já dissemos anteriormente, grafiteiros e pichadores estão repetindo, sem saber, uma prática muito antiga do homem. Não é de hoje que o ser humano gosta de

desenhar em paredes. Desde a pré-história, já era possível ver traços, rabiscos, desenhos e palavras registradas em madeira e rochas. Além da comunicação pictográfica formal, sempre existiu a comunicação informal ou alternativa, como atualmente se diz.

A informação pública divulgada em qualquer lugar (mural, rocha, madeira, muro etc.) geralmente difundia ideais e práticas da classe dominante de uma comunidade. Assim, tais ideais e práticas correspondiam ao que era estabelecido como o padrão aceito pela sociedade.

Porém, alguns indivíduos que faziam parte dessa mesma sociedade recusavam o padrão imposto e essa recusa era manifestada de diversas maneiras, sobretudo, através da escrita anônima de protesto.

Os registros dessa escrita que fazia oposição às normas impostas pela classe dominante são bem antigos, como exemplo, temos os *grafitos* de Pompéia na Itália, fonte relevante para o conhecimento de um lado pouco convencional da sociedade romana do século I.

Esses registros, conhecidos como graffiti (*grafitos* em italiano), tinham como finalidade a exposição de críticas e idéias, além de serem um meio de denúncia e demarcação da presença de determinados indivíduos nos diversos lugares por onde passavam.

A característica principal desse tipo de escrita é a espontaneidade, manifestada, geralmente, numa linguagem direta e vilipendiosa. A variedade lingüística predominante nos *grafitos* de Pompéia era a popular, no caso, o latim vulgar.

Verifica-se portanto, que tal prática era comum e continua sendo nos dias de hoje; as motivações e os sujeitos autores desses dizeres apresentam aspectos semelhantes aos da Antigüidade, porém o material já não é mais o mesmo, o carvão que foi preservado pelas lavas resultantes da erupção do Vesúvio foi substituído pelo spray.

Os *Grafitos*

Nas paredes, que tinham também a função de mural, veiculavam assuntos de utilidade pública²:

Vinte pares de gladiadores de Decimus Lucretius Satrius Valens, sacerdote vitalício de Nero filho de César Augusto, e dez pares de gladiadores de Decimus Lucretius Valens, seu filho lutarão em Pompéia nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de abril. Haverá um programa completo de lutas com feras e toldos (para os espectadores) Aemilius Celer (pintou) sozinho ao luar.

Em época de eleições, os escritos funcionavam como veículo de propaganda política:

Os quitandeiros, todos juntos com Helvius Vestalis, querem a eleição de Marcus Holanius Priscus para duúnviro com poder judicial.

Peço seu voto para eleger Gaius Julius Polybius vereador. Ele tem bom pão.

Os almocreves querem a eleição de Gaius Julius Polybius duúnviro.⁵

Os adoradores de Isis unanimemente querem a eleição de Guacus Helvius Sabinus vereador.

Proculus faz Sabinus vereador e ele fará mais por você.

Os vizinhos de Lucius Stadius Receptus pedem seu voto para elegê-lo duúnviro com poder judicial, ele merece. Aemilius Celer, um vizinho, escreveu isto. Você pode ficar doente se apagar maldosamente.

Datia e Petronia apóiam Marcus Casellius e Lucius Albucius para vereadores e pedem seu voto. Possamos sempre contar com cidadãos assim na nossa colônia!

Peço seu voto para eleger Epidius Sabinius duúnviro com poder judicial. Ele merece, e na opinião do meritíssimo juiz Suedius Clemens com a concordância do conselho, devido a seus serviços e probidade, digno da municipalidade. Eleja-o!

Peço-lhe que eleja Marcus Cerrinius Vatia para a vereança. Todos os beberrões noctívagos o apóiam. Flores e Fructus escreveram isto.

Os ladrõezinhos apóiam Vatia para vereador.

² Fonte:http://kke.org.br/pt/palestras/dos_grafiteiros_de_pompeia_aos_pichadores_atuais.php. Acesso em 21/03/2006.

Peço-lhe eleger Aulus Vettius Firmus vereador. Ele merece a municipalidade. Elejam-no, jogadores de bola, elejam-no!

Vejam abaixo, *grafitos* de natureza diversa:

Admiror, paries, te non cecidisse ruinis qui tot scriptorum taedia sustineas.

Oh parede, admira-me que sustentas tantas bobagens sem desmoronar.

Pompeianis ubique salutem.

Saudações aos pompeanos onde quer que se encontrem.

Lucrum gaudium.

O lucro é felicidade.

Pecunia non olet.

O dinheiro não cheira.

Pituuta me tenet.

Peguei um resfriado.

Marci Iuni insula sum.

Sou a ilha de Marcus Iunius.

Oppi, emboliari, fur, furuncule.

Oppius, palhaço, ladrão, ladrãozinho!

Virgula Tertio suo: indecen es.

Virgula ao seu Tertius: Você é (um) inconveniente.

Suspirium puellarum Celadus thraex. (No quartel dos gladiadores)

Celadus, o trácio, faz as garotas suspirar.

Luci Istacidi, at quem non ceno, barbarus ille mihi est.

Lucius Istacidius, com quem não janto, é um bárbaro para mim.

Miximus in lecto. Fateor, peccavimus, hospes. Si dices: Quare? Nulla fuit matella.

Mijamos na cama. Hospedeiro, reconheço que procedemos mal.

Se me pergunta: Por quê? (Porque) não havia penico.

Cacator cave malum, aut si contempseris, habeas Iovem iratum.

Cagão, olha o mal (que fizeste), ou então, se o ignoras, terás a ira de Júpiter

Arphocras hic cum Drauca bene fuit denario.

Aqui Harphocras transou bem com Drauca por um denário. (Em um bordel)

Marcus Spendusam amat.

Marcus ama Spendusa.

Cornelia Hele amatur ab Rufo.

Cornélia Hele é amada por Rufus.

Secundus Prima suae ubi que isse salute rogo domina ut me ames.

Secundus cumprimenta a sua Prima onde quer que esteja e imploro à senhora que me ame.

Myrtis bene felas.

Myrtis chupa bem.

Epaphroditus cum Thalia hac.

Epaphroditus (esteve) aqui com Thalia.

Venimus hoc cupidi, multe magis ire cupimus Sed nostros illa puella pedes.

Vimos aqui de boa vontade, vamo-nos com muita mais vontade, mas reteve-nos (nossos pés) aquela garota.

Amantes ut apes vitam mellitam exigunt. - vellem.

Os amantes, como as abelhas, vivem uma vida melíflua (melosa) -

Mussius hic nihil futuit.

Mussius nunca transou aqui.

Quisquis amat valeat.

Boa sorte a quem quer que ame!

1.5 – O GRAFFITI E O MUNDO CONTEMPORÂNEO

Há duas teorias que explicam a origem dos grafiteiros modernos e uma completa a outra. Há quem diga que o graffiti surgiu do Hip Hop, movimento cultural originário dos guetos americanos, que une os elementos RAP, Break e Graffiti (veja histórico do hip hop no item seguinte). A outra teoria afirma que o graffiti teria surgido também em Nova York e de lá se espalhado pelo mundo.

Desde o início os artistas, também chamados de *writers* (escritores), costumavam escrever seus próprios nomes ou chamar a atenção para problemas do governo ou questões sociais da realidade que viviam. Segundo Silva (1998, p. 49): “A notoriedade do graffiti se

deve a Demétrius, um jovem de origem grega que inscrevia suas tags em diferentes espaços da cidade, especialmente dentro e fora das estações do metro". Em 1971, o jornal *The New York Times* publicou uma entrevista com Demétrius. A matéria deu um reconhecimento oficial a essas inscrições e impulsionou o surgimento de uma legião de pessoas inscrevendo suas *tags*.

Tais desenhos eram feitos, na sua maioria, em trens, porque o verdadeiro interesse do grafiteiro era passar aquela mensagem para o maior número possível de pessoas. Outra possibilidade aproveitada pelos grafiteiros para passar a sua mensagem era espalhar suas grandes idéias pelos muros da cidade. Sobre as *tags* Silva (1998, p. 49) comenta:

Inicialmente o graffiti surge como uma simples assinatura (tags), reunia apenas dois elementos, isto é o apelido enquanto identidade para a intervenção no espaço público e o número da rua enquanto função territorial. Posteriormente no contexto do movimento hip hop, o grafite irá adquirir as formas multicoloridas e elaboradas, através das quais foi se definindo como arte das ruas.

Herbert Kohl (1972), em seu ensaio "Names, Graffiti and Culture", citado por Toop (2000, p. 54), faz uma análise das razões por trás dos graffiti e das *tags* usadas pelos artistas em lugar de seus nomes reais. Kohl notou mudanças acontecendo através dos graffiti, como os programas em prol dos mais pobres na década de 60, legitimados pelas inscrições nos muros engajando a juventude afro-descendente e porto-riquenha com artistas socialmente motivados .

O graffiti passou a ser admirado entre os seguimentos juvenis como arte, estilo e forma de expressão do isolamento em que viviam nos guetos. Nenhuma outra cidade no mundo teve essa arte impingida tão intensamente. Por uma década e meia a cidade de Nova York esteve imersa na arte da periferia. Herbert Kohl (1972, *apud* Toop, 2000, p. 54) coloca esse fato em perspectiva:

Graffiti is not a particularly durable form of expression...It is different for the rich and powerful who express their territorial claims and social identities in more durable forms. A gang can paint its name on the walls of its turf, but that is nothing compared to a corporation that stamps its emblem on its building or a rich man's club that embodies in stone its claim to power and importance.

De acordo com Toop (2000, p. 14): “se os brancos nova-iorquinos se negavam a visitar os espaços negros e hispânicos da cidade; de certa forma o graffiti era uma forma de vistá-los”.



Figura 5 – Pichação no trem

Fonte: Toop, 2000.

Nesse período as academias e escolas de arte nos grandes centros urbanos, começaram a entrar em crise e a cair no conceito de artistas, que queriam uma linguagem nova, mais direta, mais humana e que mexesse com as pessoas, fazendo ferver um movimento que dava crédito às manifestações artísticas fora dos espaços fechados e acadêmicos. Apesar de a polícia repreender os grafiteiros com a prisão, sua arte era bem aceita por muitos artistas e pessoas do público comum.

A primeira grande exposição de graffiti foi realizada em 1975, no Artist' Space, de Nova York, com apresentação de Peter Schejldahl. Porém, a consagração do graffiti veio

com a mostra New York/New Wave, organizada por Diego Cortez, em 1981, no PS1, um dos principais espaços de vanguarda de New York.

Posteriormente, Keith Haring e Jean Michel Basquiat, grafiteiros do metrô nova-iorquino, ficaram famosos por exporem seus trabalhos em circuitos artísticos privilegiados, como a Documenta de Kassel. Eles foram incorporados pela arte institucional e mudaram o suporte de sua arte ao virarem produto de galeria. Keith Haring tornou-se um dos artistas mais conhecidos dos anos 80 por levar o graffiti, que antes era exclusivamente das ruas, becos e guetos, para o convívio das galerias, museus e bienais. Foi considerado o mais próximo discípulo de Andy Warhol.

Vivendo no Time Square, Haring observou e descobriu no metrô grandes painéis negros vazios, dez anos de graffiti e arte conceitual, e ninguém havia tocado aqueles espaços. Optou pelo giz branco e começou a fazer seus desenhos. A matriz de seus *graffiti* no metrô nova-iorquino é a figura simples de um boneco de cabeça redonda, esses padrões labirínticos se transformaram em marca registrada e lhe garantiram fama não só nos EUA, como em toda Europa e Japão.



Figura 6 – Untitled de Keith Haring, 1982

Fonte: www.art.com/...Keith Haring.htm

Sua arte expandiu-se para um público mais amplo, do qual recebia encomendas de painéis educativos para a comunidade de temáticas como combate às drogas ou a favor do

sexo seguro, dentre outras. Além disso, fez outdoor com mensagens publicitárias, capas de discos e esculturas de metal para parques.



Figura 7 – Jean-Michel Basquiat e Keith Haring, New York, 1987

Fonte: www.mdam.ch

No Brasil, Haring participou em 1983 da Bienal de São Paulo. Fez diversos trabalhos de rua em companhia de Rui Amaral, grafiteiro paulistano, Alex Vallauri e Maurício Villaça. Haring morreu em consequência da Aids, em fevereiro de 1990.

Jean Michel Basquiat começou escrevendo frases de impacto pela cidade de Nova York e ficou conhecido no metrô. Também amigo de Andy Warhol, ficou famoso por seu estilo irreverente e rebelde. Faleceu em 1988 em decorrência de overdose de heroína.

O graffiti de artistas, como Haring e Basquiat, antes de chegar às galerias é *spray art* (pichação de signos), em seguida é *stencil art*, onde o artista utiliza um cartão com formas recortadas que, ao receber o jato de spray, só deixa vazar a tinta pelos orifícios determinados. Essa operação valoriza a cor, enquanto a *spray art* valoriza o desenho.



Figura 8 – *Stencil Art* de Celso Gitahy

Fonte: www.acaravana.com.br/sp/encontro/photos/



Figura 9 – *Spray Art* de Osmir Aparecido da Silva Pinheiro

Fonte: fotolog.net/mirss

Além dos estilos citados, existe nos EUA o que no Brasil chamamos de “estilo americano”, ou seja, letras e frases excessivamente coloridas, à base de tinta spray (*spray art*), demonstrando primorosa técnica.

Esse estilo surgiu nos anos 60 como opção de mídia alternativa. Negros hispânicos, precursores dessa linguagem, não tinham espaço na mídia americana, principalmente nas

rádios, que simplesmente deixaram de tocar *rap* (estilo musical ligado àqueles artistas). Em vista disso, os jovens usavam muros e o metrô para divulgar idéias, ideais e até óbitos.

Entre os pioneiros aparecem Taki 183, Barbara 62, Eva 62, lady Pink, Zephir e outros. Esse estilo começou a partir de uma pichação a qual chamavam *tag*, ou seja, o pichador assinava seu nome e o número de sua rua (Taki 183). Com o passar do tempo, essa assinatura foi ganhando cor, brilho e forma, até se transformar em frase.

1.6 – DA PICHAÇÃO AO GRAFFITI: O MOVIMENTO HIP HOP AMERICANO

O graffiti é um dos elementos da cultura Hip Hop. O Hip Hop é um movimento sociocultural de jovens excluídos, em sua maioria negros. Nos Estados Unidos o movimento surgiu nos guetos (bairros negros) de Nova York, numa articulação de jovens negros e hispânicos no final dos anos 60 e início da década de 70, momento de consolidação de idéias libertárias de oposição à desigualdade social. De acordo com Rocha (2001, p. 18): “*O objetivo dessa articulação era diminuir a violência generalizada entre a juventude agrupada em gangues*”.

Para que os integrantes das gangues pudessem se comunicar, eles escreviam com letras ilegíveis e faziam desenhos quase incompreensíveis nos muros dos guetos, numa espécie de código secreto. Costuma-se dizer que o código evoluiu para a arte do graffiti e ganhou o mundo.

As formas de expressão do Hip Hop foram paralelamente se moldando, o graffiti começava a se formar através da evolução da “pichação de protesto” ou daquelas que marcavam a territorialidade das ‘gangues’, agregando conceitos de artes visuais e falando de temas da comunidade, enquanto na música a mescla de *soul music*, *blues*, *salsa*, *jazz*, *funk*, *calipso*, *rockstedy* começava a dar o tom do que seria o Rap atual, junto com os grupos de dança de *funk music* que se criavam a partir do estilo que seria o Break.

Diante dessas manifestações, se confluíu uma rede de artistas da periferia sob o chamado da música dançante e das idéias políticas de um ex-membro de gangue e também ex-Pantera Negra, auto-denominado AFRIKA BAMBATA, e também pelo DJ Kool Herc (responsável pela introdução do Rap e que promovia festas em Nova York, nos bairros do Bronx, Queens e no Brooklin).

Sobre a origem do movimento Hip Hop, Silva (1998, p. 34) afirma:

... o Bronx tem sido considerado como o berço da cultura Hip Hop porque foi neste espaço que os jovens de origem afro-americana e caribenha, reelaboraram as práticas culturais que lhes são características e definiram seus objetivos, isto é produzir arte via interpretação das novas condições sócio-econômicas surgidas na cidade.

Dessa articulação foi possível às equipes de bailes sugerirem uma competição entre gangues em torno da produção artística, o que de imediato foi aceito. Na forma de graffiti, as gangues demarcavam seus territórios através de *tags* (assinaturas) que evoluíram para o graffiti (arte) como forma de consciência social e cultural.

A origem do termo Hip Hop, que significa balançar o quadril, – um convite à diversão – sempre teve em sua proposta inicial a PAZ. Ele foi criado e continua com o mesmo propósito: canalizar energias que estariam voltadas à criminalidade e centrá-las na produção artística.

A rua tornou-se palco da expressão da cultura Hip Hop. Esse espaço foi reinventado pelo movimento Hip Hop e segundo Silva (1998, p. 52) :

O graffiti resgatou com suas cores alegres e multicoloridas o espaço da rua como lugar de produção e reinvenção das artes plásticas [...] a rua foi apropriada pelos breakers como palco para as performances robotizadas e acrobáticas do rap. A rua tem sido também o palco de tantas ações narradas pela poética do rap. Por isto, o termo cultura de rua tornou-se popular entre os rappers no sentido de designar o próprio movimento hip hop em nosso meio.

Elementos do Hip Hop

DJ – É a pessoa responsável pela parte sonora dos bailes, inicialmente divulgada pelo DJ jamaicano Kool Herk, que percorria os guetos discotecando em benefício dos excluídos, levando pouco mais de consciência para negros e latinos que viam como única opção as gangues de rua e sua maneira violenta de conquistar espaço e respeito nos guetos.

BREAK – É uma dança criada por jovens negros do Bronx, utilizando ritmos como o *soul* e o *funk* sendo que, através da dança estabeleciam a ordem e a paz, levando-os a uma consciência social e cultural.

GRAFFITI - Na forma de grafites as gangues demarcavam seus territórios através das *tags* (assinaturas), que evoluíram para o grafite (arte) como forma de consciência social e cultural.

MC – MISTER CEREMONY. Responsável pela animação das festas, a figura do MC surgiu nos guetos nova-iorquinos, passando idéias de revolução e conscientização para os jovens da época.

RAP – RHYTHM AND POETRY – Popularizado nos Estados Unidos, significa ritmo e poesia é um gênero musical nascido entre os negros e caracterizado pelo ritmo acelerado e pela melodia bastante singular. As longas letras quase recitadas tratam em geral de questões cotidianas da comunidade negra, servindo-se muitas vezes de gírias correntes dos guetos das grandes cidades. Chegou ao Brasil na década de 80, mas somente na década de 90 ganhou espaço na indústria fonográfica.

Mas desde já é preciso ter claro que o Hip Hop é um movimento integrado por práticas juvenis construídas no espaço das ruas. E aos olhos dos jovens, não se resume a uma proposta exclusivamente estética envolvendo a dança Break, o Graffiti e o Rap, mas, sobretudo, a fusão desses elementos como arte engajada.

O Rap possui características especiais e é o elemento de maior força do movimento, pois projeta maior visibilidade através da voz, expressando a identidade juvenil dos atores sociais.

Diz-se que o Rap surgiu na Jamaica mais ou menos na década de 60, quando surgiram os *Sound Systems*, que eram colocados nas ruas dos guetos jamaicanos para animar os bailes. Esses bailes serviam de fundo para o discurso dos *toasters*, autênticos mestres-de-cerimônia que comentavam, nas suas intervenções assuntos como a violência das favelas de Kingston e a situação política da ilha, sem deixar de falar, é claro, de temas prosaicos como sexo e drogas.

No início da década de 70 muitos jovens jamaicanos foram obrigados a emigrar para os EUA, devido a crise econômica e social que se abateu sobre a ilha. E um, em especial, o DJ jamaicano Kool Here, introduziu em NY a tradição dos *Sound Systems* e do canto falado.

1.7 – O MOVIMENTO HIP HOP NO BRASIL

No Brasil, a cultura Hip Hop surge no final da década de 70 e início da década de 80. Foi por meio dos bailes e das lojas específicas de musicalidade negra que o Hip Hop passou a ser conhecido pela “galera”.

Após a projeção do grupo americano Public Enemy, na segunda metade dos anos 80, novas idéias são apresentadas para os rappers brasileiros e grupos como Racionais e DMN admitem Chuck D&Cia como influência maior. Os ícones Martin Luther King e Malcom X tornaram-se leitura de cabeceira. Pode-se dizer que a cidade de São Paulo foi a precursora do movimento Hip Hop no Brasil, que posteriormente se espalhou por todas as grandes capitais.

Por este mundo paralelo eles circulam uniformizados com bonés de jogadores de basquete americano, camisetas coloridas e tênis. Os bailes funk reúnem milhares de adolescentes todos os finais de semana, especialmente no Rio de Janeiro. Na Bahia, terra do axé music, enormes galpões se improvisam em salões de baile que misturam funk e rap, nos bairros mais afastados de Salvador. Nas cidades satélites de Brasília o movimento é um estouro e em Belo Horizonte existem cerca de cinquenta grupos de rap, os shows chegam a reunir até 5000 pessoas. Em Porto Alegre, que se imagina puramente branca mesmo com o negro Alceu Collares tendo passado pelo Palácio de Piratini, os rappers agitam as ruas do centro da cidade com suas performances relâmpago, protestos e palavrões.³

Assim como outros que divulgam a cultura Hip Hop, DJ Hum e Thaíde começaram a carreira no início dos anos 80, criando sua poesia inspirada nas ruas para os seus irmãos, sobrinhos e filhos. Estes, por sua vez difundiam essa nova informação sobre a cultura de rua para os amigos no baile de rap. Os sentidos do baile para o jovem negro, é analisado pela educadora Elaine de Andrade (1999, p. 87):

³ Fonte: <<http://www.movimentohiphop.hpg.com.br>>, acesso em: 21 de nov. 2002.

O baile para o jovem negro é um espaço fundamental de afirmação da sua identidade, mais do que um simples espaço de sociabilidade juvenil. No baile o jovem negro está acompanhado dos seus iguais de sua etnia, não apenas os iguais de idade, que vivenciam as mesmas dificuldades.

Segundo Marco Aurélio Paz Tella (1995, p. 27), esse processo de conscientização que ocorria nos bailes foi desencadeado por influência dos negros norte-americanos, que transformavam o “*espaço de diversão em espaço de afirmação da negritude contra o processo de discriminação étnico-social*”.

1.7.1 – O MOVIMENTO HIP HOP EM SÃO PAULO

São Paulo foi precursora do movimento Hip Hop no Brasil, no início da década de 80, por intermédio de equipes de baile, das revistas e dos discos vendidos nas lojas da Galeria 24 de Maio, um espaço tradicionalíssimo de recreação, compras e encontros da juventude negra paulistana, localizado no Centro de São Paulo. Esse espaço é composto por um conjunto de várias lojas de discos, roupas e salões de cabeleireiros. Foi por meio dos bailes e das lojas específicas de musicalidade negra que o Hip Hop passou a ser conhecido pelos jovens.

Os pioneiros do movimento que inicialmente dançavam o Break, foram Nelson Triunfo, depois Thaide & DJ Hum, MC/DJ Jack, Os Metralhas, Racionais MC, Os Jabaquara Breakers, os Gêmeos e muitos outros. O graffiti chegou quase simultaneamente ao break e as revistas importadas adquiridas na 24 de maio auxiliaram nessas novas descobertas. Sobre os primeiros protagonistas do movimento Herschmann (1997, p. 75), afirma:

Eles dançavam na Rua 24 de Maio, mas foram perseguidos por lojistas e policiais, depois foram para a São Bento e lá se fixaram. Houve um período de divisão entre os rappers e os breakers, os primeiros foram para a Praça Roosevelt, os outros continuaram na São Bento .

O movimento Hip Hop exprime-se por meio da arte e apropria-se das ruas como palco para o fazer artístico, mas em termos organizacionais o movimento encontra-se

imerso na localidade. É nesse plano mais particular, relativo ao bairro, que os jovens se estruturaram mediante as festas de rua, as *crews* ou posses. As posses constituíram-se como espaço próprio através do qual os jovens passaram não apenas a produzir arte, mas a apoiar-se mutuamente.

Diante da desagregação de instituições tradicionais, como a família, e a falência dos programas sociais de apoio, as posses se consolidaram no contexto do movimento Hip Hop como uma espécie de “família forjada”, através da qual os jovens passaram a discutir os seus problemas e a promover alternativas no plano da arte.

A utilização da arte como forma de expressão política também continuou como central. Na cidade de São Paulo o Hip Hop se consolidou em momentos diferenciados, mas a rua continuou como referência não apenas de expressão, mas de produção da arte juvenil. A elaboração da cultura de rua foi marcada no início por experiências desenvolvidas no centro urbano, mais precisamente no espaço da Estação São Bento do Metrô, posteriormente integrou-se ao Geledés⁴, ao mercado fonográfico alternativo e ganhou a periferia, por meio das posses.

O Rap, inicialmente chamado de tagarela, ascende e os breakers formam grupos de Rap. Em 1988 foi lançado o primeiro registro fonográfico de rap nacional, a coletânea *Hip Hop Cultura de Rua*, pela gravadora Eldorado. Nessa coletânea participaram Thaide & DJ Hum, MC/DJ Jack, Código 13 e outros grupos iniciantes.

Nesse período de ascensão do rap, a capital paulista passou a ser governado pela prefeitura petista de Luiza Erundina, fato que auxiliou muito na divulgação do movimento Hip Hop e na organização dos grupos. Por esse motivo foi criado em Agosto de 1989 o MH20 - Movimento Hip Hop, organizado por iniciativa e sugestão de Milton Salles, produtor do grupo Racionais MC`s até 1995. O MH20 organizou e dividiu o movimento no Brasil. Ele definiu as posses, gangues e suas respectivas funções.

Fazer o percurso do movimento Hip Hop na cidade de São Paulo nos permite entender que a cidade foi o foco para a divulgação dessa cultura por todo o país. A esse respeito Rocha (2001, p. 33) comenta:

⁴ Geledés é uma instituição de defesa da mulher negra. Durante o início dos anos 90 apoiou o movimento Hip Hop por meio do Projeto Rappers Geledés. Um dos principais produtos dessa relação foi a revista *Pode Crê!*, produzida pelos rappers com o apoio da instituição.

O Rap é a arte do Hip Hop que tem maior poder de sedução sobre o jovem da periferia. Não há reunião de posse, disputa entre dançarinos de break, concurso de discotecagem ou evento de grafiteagem que consigam reunir um público tão numeroso. De sexta a domingo, bailes de rap ocorrem em quase todos os bairros da periferia paulistana, além de nas cidades próximas da Capital como Barueri, Campinas, Suzano, Carapicuíba e outros municípios do interior de São Paulo.

CAPITULO II – CAMPINAS: UM HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO URBANA A METRÓPOLE INDUSTRIALIZADA E AS INICIATIVAS PÚBLICAS PARA ABSORÇÃO DO MOVIMENTO DE PICHADORES E GRAFITEIROS COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA CIDADE

2.1 – A EVOLUÇÃO URBANA DE CAMPINAS DESDE A SUA FUNDAÇÃO

As origens de Campinas estão relacionadas à função que desempenhava como passagem para o Caminho de Goiás, ou seja, passagem para os viajantes que buscavam o caminho das minas. Apesar das trilhas existentes desde o século XVII, somente após a descoberta do ouro de Goiás que Campinas ganhou foros de “Estrada” ou “Caminho”.

A princípio era um pequeno povoado e chamava-se Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso (data de 1774), esse povoado foi se desenvolvendo e já em 1797 foi elevado à condição de vila com o nome Vila de São Carlos, com a instalação de um competente poder municipal. Em 1842 a vila eleva-se à categoria de cidade, passando a se chamar Campinas.

Durante o período de sua formação, que vai do bairro rural de Campinas do Mato Grosso até a sua promoção à Vila de São Carlos, a estrada ou Caminho dos Goiás foi a única linha de comunicação com a Capital da Capitania e o Sertão, passando a representar o primeiro marco de povoamento nascido com a decadência do ciclo da mineração dentro do território paulista. E com a decadência da mineração, a agricultura começava a ocupar seu lugar no espaço de São Paulo através da implantação da cultura da cana-de-açúcar.

Em Campinas não foi diferente, nos anos que compreenderam o período entre Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas de Mato Grosso e a Vila de São Carlos (1774-1842), a principal atividade econômica foi o cultivo da cana-de-açúcar. A partir do final do século XVIII até a primeira metade do século seguinte, Campinas, embora não estivesse estruturada como município, destacou-se como o maior centro produtor de açúcar da Província de São Paulo, estabelecendo uma lavoura já ligada à produção e comercialização.

Segundo os historiadores, não existiu um marco divisório entre o ciclo do açúcar e o período cafeeiro em Campinas: *“Enquanto o café surgia paulatinamente, o açúcar ainda*

prosperava”. (Pupo, 1969 , p.141). A implantação da cultura do café no oeste paulista , de acordo com Pestana, (1923), data de 1807-1809 e 1817, mas somente a partir de 1835 iniciou-se a substituição de plantações de cana pelo café. Inicialmente será o Vale do Paraíba o palco do cultivo cafeeiro e com a decadência desse ciclo no Vale do Paraíba, Campinas passa a se destacar nesse novo cenário econômico.

A cultura cafeeira prosperava no município demandando crescente mão-de-obra para o seu cultivo. A mão-de-obra utilizada no primeiro momento da dinâmica econômica cafeeira foi a escravizada.

Com o encerramento do tráfico negreiro, o sistema escravista brasileiro entrou em crise e os fazendeiros paulistas tentaram buscar solução para o problema de mão-de-obra nas lavouras através da imigração estrangeira.

Campinas foi grande centro receptor da mão-de-obra estrangeira, introduzida particularmente nas duas últimas décadas do século XIX. Segundo os registros da Hospedaria dos Imigrantes, foram enviados para as lavouras de café do município, de 1882 a 1900, 10.631 imigrantes estrangeiros. Nesse período a produção cafeeira em Campinas era a maior do Estado, respondendo por 50% da produção total do oeste paulista.

O enriquecimento de Campinas se acelerou com a introdução da cultura cafeeira, a qual propiciou um intenso desenvolvimento urbano e rural. Na década de 20, entretanto, é que se observa um crescimento mais acelerado da cidade, em diversos setores. As atividades econômicas em geral (comércio, serviços etc.) apresentam um desenvolvimento considerável.

Sobre o impacto do fim da escravidão na atividade econômica Maciel (1987, p. 29) comenta:

Mediante a possibilidade de utilizar o trabalho dos imigrantes, aliada à necessidade de cumprir o preceito legal, muito dos utilizadores de trabalhadores antes escravos, passaram a dispensá-los. O que significa que a Abolição da Escravatura funcionou como o fim do interesse pelo homem negro como trabalhador .

No campo, o negro vai deixar de ser trabalhador da terra e na cidade deixa de ser artesão. O processo inicial de aburguesamento ou proletarização lhe é podado, não lhe permite mais nada do que a ação marginal do processo de produção agrícola, como também

da industrialização e urbanização. Daí aos ex-escravizados, foi destinado o trabalho mal remunerado e a vida em condições subumanas.

O decênio que se seguiu à Proclamação da República no Brasil, foi para Campinas um período difícil, a cidade sofreu as epidemias de febre amarela e varíola, em 1889 e 1890, que abateram o município e dificultaram a sua prosperidade.

Essas epidemias tiveram efeitos diretos na lavoura cafeeira: “*As tristes conseqüências da febre amarela afugentaram a onda imigratória européia para o município neste ano*”. (Brito, 1969, p. 74).

Apesar da emigração, Campinas não perdeu seu dinamismo, no final de 1889 a população já começava a retornar ao município e o volume de imigrantes europeus voltou a subir em 1891.

Nesse quadro de epidemias a população negra, dada as péssimas condições econômicas, torna-se vítima privilegiada desses surtos e das demais contaminações engendradas pelas más condições de habitação, ausência de assistência médica e falta de condições para a compra de remédios.

O cortiço era a principal moradia dos negros, que dispunham de recursos para tal, e mesmo esse tipo de habitação era objeto de especulação imobiliária e aluguéis muito caros. Os negros estavam totalmente fora das reivindicações de caráter político-partidário enquanto eleitores e cidadãos. Todas as suas reivindicações eram feitas através de entidades trabalhistas, assistenciais, educacionais e culturais, que congregavam número significativo dessa população.

Dessa forma, os afro-descendentes não estavam alheios ao que lhes ocorria, resistiam e lutavam contra a opressão, fosse ela manifestada na violência policial ou no simples preconceito. Segundo Maciel (1987, p. 78) as evidências maiores de resistência e luta foram as entidades assistenciais:

Sociedade Dançante Familiar União da Juventude (1901)- congregava atividades culturais e de lazer como jogos, danças, esportes e reuniões sociais e políticas; Federação Paulista dos Homens de Cor (1902)- atuação significativa principalmente em relação à organização política e social, destaque na comemoração do dia 13 de Maio; Liga Humanitária dos Homens de Cor (1915)- nasceu da união de 36 trabalhadores dos quais 24 eram negros. A liga foi fundada com o objetivo de suprir, para trabalhadores

pobres um tipo de assistência social específica, como auxílio saúde e auxílio funeral.

Em relação ao termo comumente usado na época “homens de cor” Maciel (1987, p. 71) comenta:

..... “homens de cor” era uma referência para aqueles que pareciam melhor situados na escala sócio-econômica e que, em decorrência desse fato, eram reconhecidos como pessoas de bem. “Brasileiros pretos” eram aqueles negros da sociedade campineira que, mesmo pobres, tinham trabalho e moradia conhecidos, de tal forma que lhes eram, pelo menos assegurados o uso do título de nacionalidade brasileira. “Mulatos,” “pardos” e mestiços eram os brasileiros descendentes de negros que dada sua condição socioeconômica miserável passavam anonimamente. “ Pretos” e “pretas” eram, em geral, os negros totalmente desprovidos de meios de vida, sem moradia e sem trabalho.

Nessa etapa a industrialização começava a se desenvolver no Estado de São Paulo, intensificando o processo de urbanização em Campinas.

Paralelo a esse desenvolvimento surge a necessidade de urbanizar a cidade, e em 1934 é contratado o engenheiro arquiteto Francisco Prestes Maia para conceber o Plano de Urbanismo, enquanto é criada na Prefeitura de Campinas a Seção de Arquitetura e Urbanismo e instituída a Comissão de Urbanismo, que forneceriam à implementação do plano, respectivamente, subsídios técnicos e apoios políticos.

Uma das propostas do plano de urbanização de Campinas era o de solucionar problemas de higiene e saneamento, uma necessidade devido ao grande aumento populacional. Associava-se a esses dois fatores, outros de significação cultural e a esperança de transformar Campinas em uma grande cidade.

À medida que o ritmo da urbanização crescia, o cortiço, sucessor urbano das senzalas e ancestral próximo das favelas, aparecia como solução alternativa mais viável, pois o preço dos terrenos municipais já era muito alto.

As primeiras iniciativas eram insuficientes para resolver a questão habitacional. Os cortiços, os porões e os velhos casarões da área central, em vias de demolição, continuariam como opção para aqueles que recusavam se transferir para a periferia ou não tinham recursos para a construção da própria moradia.

Só após a década de 60, esse problema habitacional será amenizado com a implantação do Plano Nacional de Habitação do Governo Federal.

Esse processo de urbanização e industrialização representou a formação de uma nova ordem social permeando todas as instâncias da sociedade. A mistura de raças, nacionalidades, culturas e ideologias, dispersas no espaço urbano, começou a caracterizar certos espaços sociais.

A inauguração da Via Anhanguera, em 1948, propiciou o direcionamento de fluxos migratórios para o município no início dos anos 50, bem como a expansão da cidade, com um aumento de seu perímetro urbano. De 1945 a 1955, a área territorial de Campinas cresceu em mais de 200%.

Na primeira metade dos anos 50, houve um novo surto de investimentos em Campinas, com novas empresas mecânicas, de material de transportes, elétricos, químicos, de borracha e papelão. Em 1951, instalam-se no município a Singer do Brasil e a Duratex; em 1953, a Pirelli, a Hipler e a IBRAS\CBO; em 1954, a Robert Bosch, que se juntou à General Electric e à Rhodia, já instaladas em Campinas, compondo o conjunto de grandes empresas multinacionais locais.

A instalação de novas empresas gerou a criação de novos espaços e setores na economia, atraindo população migrante para a cidade. Nessa etapa, os movimentos migratórios aparecem como necessários para o grande impulso industrial no município.

No período de 1960-1970, o saldo migratório de Campinas foi quase de 100 mil pessoas. Em 1970, a população não-natural do município representava 52,6%, dos residentes não-naturais procedentes de outros estados, registrados no censo de 1970; 60,6% tinham como última residência o Estado de Minas Gerais, seguido pelo Paraná (11,74%) e com participação pequena dos estados do Nordeste (13,5%).

Nota-se também, a participação dos não-naturais do município procedentes de outros países, representando 3% desse seguimento populacional. Isto se deveu à presença de importantes universidades como a UNICAMP e a PUCCAMP que contribuíram para a absorção desse contingente estrangeiro, além das já mencionadas multinacionais.

A COHAB local implantada em 1967, contribuiu significativamente para dotar de novos contornos a ocupação urbana de Campinas. É nessa época que surgem as vilas

populares “planejadas” pela COHAB, dentre elas a Vila Costa e Silva, Vila Rica, Vila 31 de Marco, Vila Padre Anchieta e Vila Castelo Branco.

A reelaboração da história de Campinas desde sua formação às décadas de 60/70, do século XX, nos permite entender o movimento migratório rural-urbano, e também a localização da população de origem afro-brasileira concentradas nas vilas populares planejadas. E ainda em relação a essa população, houve um aumento na parcela de habitantes de origem afro-descendente após a década de 60 do século XX, devido à migração que, somados aos descendentes de população escravizada, formam o expressivo contingente negro da população da cidade.

Todas as transformações pela qual a cidade passou, relatadas anteriormente, principalmente após a abolição da escravatura, embora tenham alterado a vida local, criaram novas situações para o grande contingente de origem afro-brasileira, que em sua maioria iria continuar à margem do processo produtivo, pois no novo ambiente urbano os negros também levavam desvantagem na concorrência com a mão-de-obra branca.

Mas ao mesmo tempo, com a modernização da cidade, proporcionada pela riqueza que o café produziu, haverá abertura de novos postos de trabalho a serem ocupados por considerável parcela de afro-descendentes, não são postos elevados, mas representam espaços que, conquistados passam a constituir a mais importante brecha para possibilitar a emergência de uma “elite negra”, que se distinguia da grande massa da população que vivia à margem do processo produtivo.

Num primeiro momento seriam os negros remanescentes do período escravista, entre os quais aqueles considerados de “elite” que ocupam os bairros centrais e mais antigos, juntamente com a parcela que permaneceu na periferia do processo produtivo, situada em cortiços centrais (alguns especialmente construídos para esse fim) ou em velhas casas deterioradas, que eram ocupadas ao mesmo tempo por inúmeras famílias.

Outro contingente negro vindo para a cidade com o desenvolvimento industrial do início do século XX vai ocupar, inicialmente, bairros periféricos e, posteriormente, as vilas populares planejadas. É nesse período que ocorre a remoção da população encortijada, localizada nos velhos casarões do centro da cidade, para as vilas populares planejadas distantes das regiões centrais, especialmente construídas para esse fim, e promovidas por uma política habitacional do governo federal. Nota-se que não se observam na cidade a

existência de “bairros negros” (guetos), mas de bairros com grande concentração de população de origem afro-descendente, juntamente com a população branca pobre.

Desse modo, considerando essa configuração populacional, a questão da arte do graffiti e das pichações em Campinas vai se relacionar diretamente à dinâmica dos espaços populares. Sendo o graffiti e a pichação a arte das ruas, é nas vilas populares que se encontram predominantemente os participantes desses movimentos, cuja arte é um meio de auto-afirmação e reconhecimento, além de ser uma expressão de resistência por serem historicamente excluídos do processo de desenvolvimento da cidade.

2.2 – O MOVIMENTO HIP HOP EM CAMPINAS

Os bailes *black* do interior de São Paulo tiveram um papel fundamental para a expansão do movimento e surgiram como alternativa de lazer desenvolvida por seguimentos juvenis migrantes e descendentes de migrantes, recém integrados à periferia da cidade.

As equipes pioneiras como a Chic Show, a Zimbabwe e a Black Mad privilegiaram a *black music* norte-americana, o *soul* e o *funk*. Junto a esses gêneros, havia apresentações de grupos nacionais de samba e outras manifestações associadas à música negra.

Nos anos 60, o Hip Hop estava representado no interior do estado de São Paulo pela cidade de Campinas e os cabeludos da periferia, ou seja, os “Black Powers”, foram os que deram o pontapé inicial para a existência da cultura Hip Hop na cidade.

O Largo do Rosário, o Bosque dos Jequitibás, a Feira Hippie, na praça Carlos Gomes, e a rua 13 de Maio ficaram perpetuados como pontos de encontro dessa nova cultura da cidade. Foram nesses locais que se iniciou a prática dos quatro elementos da cultura Hip Hop: Breaking, DJ, MC e Graffiti, cada um com sua representação genuína.

Com o passar dos anos foram criadas entidades para ajudar na organização do movimento Hip Hop, como a posse RIMA & CIA, que possui mais de 90 grupos de Rap organizados. Em relação ao Graffiti, existe a UGCR (União dos Grafiteiros de Campinas e Região) com mais de trinta equipes de graffiti. Já o Breaking se organiza com várias equipes que treinam e disputam campeonatos pelo Brasil todo e também promovem eventos relacionados à dança de rua.

Começava então uma luta segmentada de argumentos e ideais para o reconhecimento, pelo poder público, como seguimento cultural. Na gestão municipal 2001-2004, foi aprovada uma verba orçamentária para a construção e estruturação do que seria a Casa Do Hip Hop, fato que deu início a um processo ainda maior na organização do movimento para definir como seria a gestão desse espaço cultural.

Em Novembro de 2002, o movimento contou ainda com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e a Coordenadoria de Assuntos da Comunidade Negra para organizar a 1ª Conferencia Municipal de Hip Hop de Campinas, onde foram eleitos 28 representantes do movimento Hip Hop da cidade para compor o Primeiro Conselho Municipal de Hip Hop do Brasil, com representantes do Poder Público, da Coordenaria de Assuntos da Comunidade Negra, Coordenadoria da Juventude e Secretaria Municipal de Cultura, Lazer, Esporte e Turismo.

Com o conselho do Hip Hop já estruturado foram eleitos quatro representantes, sendo um de cada seguimento, para coordenar as atividades e desenvolver oficinas na Casa do Hip Hop.

A casa do Hip Hop foi inaugurada em 06 de Setembro de 2003, com a presença de representantes do movimento Hip Hop de diversas cidades e estados, além de autoridades políticas locais.

A casa do Hip Hop, além de oferecer oficinas, tem o papel de organizar eventos, desenvolver projetos, oferecer palestras e seminários que venham a contribuir para a formação cultural de jovens sem opção de Lazer e Cultura.

2.3 – PICHACÕES EM CAMPINAS: A QUESTÃO DA TRANSGRESSÃO

Nos últimos anos, a discussão sobre a pichação, fenômeno típico das grandes cidades brasileiras e mundiais, ganhou força em Campinas. As grandes avenidas e o centro da cidade, principalmente, tornaram-se alvo de disputa entre as diversas “tribos” que utilizam suas marcas para ocupar espaços, demarcar território e ganhar mais “pontos” na disputa com os outros grupos. O resultado dessa prática é a evidente poluição visual e os prejuízos causados, principalmente para os comerciantes do centro da cidade. A indignação

é crescente em toda a cidade e a mídia passou a dar mais destaque no assunto como forma de cobrar do poder público uma atuação mais efetiva contra esses grupos.

No nível federal, a Lei no. 9.605/98 – sancionada pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em 1998 – entrou em vigor no início do mesmo ano, prevê a proibição da pichação e dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de conduta e atividades lesivas ao meio ambiente: “*constitui crime contra o Ordenamento Urbano e Patrimônio Cultural, pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificações ou monumento urbano*” (art. 65 Lei 9.605/98). A penalidade prevista é detenção, de três meses a um ano e multa. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de seis meses a um ano de detenção e multa.

Na prática a execução da lei defronta-se com vários problemas. Apesar dos prejuízos causados pela pichação, muitas outras atividades ilícitas e criminosas ocupam a agenda das autoridades policiais e judiciais, e mesmo num caso de flagrante os acusados são liberados e geralmente respondem ao inquérito policial com base na Lei 9.605/98.

Além do aspecto “lúdico”, onde a cidade passa a ser o tabuleiro de uma minoria, as pichações também são o reflexo da falta de alternativas de lazer, cultura e esporte. Com a rebeldia e ousadia características, trata-se de uma forma de expressão e de denúncia, da situação social do país, e em especial, da situação em que se encontra o jovem hoje. Paradoxalmente, o impedimento do exercício coletivo de liberdade de criação, previsto na Lei 9.605/98, contribui para que o artista continue superando-se, firmando-se acima das possíveis críticas e da aceitação maior do público.

Nesse sentido a Prefeitura Municipal de Campinas, através de diversas parcerias, busca implementar desde o ano de 2003 um conjunto de ações voltadas à promoção de atividades culturais aos jovens da cidade, procurando valorizar o saber artístico de grupos vistos até então como marginais. Idealizou-se desde então, a construção de espaços elaborados para esse fim, tendo como projeto maior a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade.

2.4 – INICIATIVAS PÚBLICAS PARA ABSORÇÃO DO MOVIMENTO DE PICHADORES E GRAFITEIROS COMO FORMA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA CIDADE

Patrimônio Histórico e Cultural

O projeto inicialmente intitulado “Limpeza da Cidade” teve suas discussões iniciadas em 2003 durante a gestão da prefeita Izalene Tiene, do PT. Idealizado pelo prefeito Antônio da Costa Santos, morto em setembro de 2001, o projeto teve como objetivo a revitalização do Teatro Municipal Castro Mendes e dos prédios históricos que foram tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (Condepacc), como o Museu da Cidade, a Estação Cultura e o Palácio dos Azulejos. O “Limpeza da Cidade”, além da restauração e revitalização de prédios históricos, propõe alternativas ao vandalismo, que frequentemente fazem desses prédios alvos de grupos organizados, principalmente grupos de pichadores.

A atuação do poder público é global, ou seja, atua preventivamente, como no caso do curso oferecido pelo Ceprocamp “Iniciação à conservação e ao restauro” e também da oficina oferecida pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Lazer, intitulada *Do Lápis ao Spray*, com aulas administradas em diversos pontos da cidade, voltadas a crianças, adolescentes e adultos. “*Além de Artes Plásticas em geral, o projeto também dá noções de cidadania, história da arte e legislação*”, explicou o professor da oficina, José Luís de Oliveira, além das várias oficinas as de graffiti são oferecidas como alternativa à pichação. O projeto também propõe medidas de repressão e encaminhamento de vândalos pegos em flagrante às oficinas de graffitis, por exemplo.

O **Pacote Anti-Pichação** começou a ser definido no dia 10 de novembro de 2006 (Vide Anexo), após ato ocorrido no dia 06 do mesmo mês em protesto à depredação da sede da Banda Carlos Gomes, fato que foi considerado símbolo da luta anti-pichação na cidade de Campinas. O pacote foi tirado em reunião de artistas plásticos, produtores culturais e entidades da prefeitura como a Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural (CSPC) no gabinete do prefeito Hélio de Oliveira Santos (PDT). Nessa reunião, já havia ficado definido que o serviço Disque–Denúncia seria uma das armas para coibir a ação dos

pichadores, que terá um reforço da fiscalização da Prefeitura no comércio de venda de tinta spray e o compromisso do juiz da Vara da Infância e da Juventude, Richard Pae Kim, de enviar para internação jovens pichadores reincidentes.

Todas as propostas foram sistematizadas e formam o plano de ação que envolve medidas educativas, de fiscalização e de repressão contra os pichadores.

A reportagem do Jornal **Correio Popular** (Edição de 05/02/2007) intitulada *Prefeitura inicia ações anti-pichação*, trata da implantação do plano anti-pichação, que incluirá um conjunto de medidas em educação, cultura, segurança e comunicação. O plano inicia-se com uma intensa faxina na cidade para tirar de muros, viadutos e fachadas as marcas do “vandalismo” juvenil impressas nessas edificações públicas, e com a disponibilização do Disque-Denúncia (3236-3040), para aqueles que queiram denunciar os pichadores, e do Disque-Arte (156), que informará a agenda de cursos culturais, como o de grafiteagem, por exemplo.

Conforme explicitado, a mídia passou a tratar da questão do vandalismo com mais ênfase e, freqüentemente, temos a informação de depredações em prédios e monumentos históricos como: Pichação no Palácio dos Azulejos, recuperado há menos de um ano (**Correio Popular** 14/08/2005); teatro Municipal Castro Mendes, Museu da Cidade e Estação Cultura pichados (**Correio Popular** 18/11/2005); Catedral Metropolitana de Campinas, com suas paredes rabiscadas por vândalos (**Correio Popular** 19/11/2005), sede da Banda Carlos Gomes, que foi pichada pouco após sua restauração e foi tema de protesto organizado pela população (Comentado a seguir, reportagem do **Correio Popular** 11/11/2006); mais recente reportagem de 21/04/2007, sobre a pichação na fachada do Edifício Roque de Marco, na região da estação Cultura (**Correio Popular**, 21/04/2007).

Para a consolidação e aprimoramento do projeto “Cidade Limpa”, voltado à juventude, foi imprescindível a participação efetiva e direta dos órgãos municipais e de outros que tratam das mesmas questões, levando em consideração suas tarefas específicas. Esses são os entes envolvidos e suas atribuições nesse projeto:

Secretaria de Serviços Públicos – Zeladoria de Centro. É responsável pela limpeza dos Monumentos Históricos. Cabe a ela também articular diversos agentes públicos e privados visando atingir seu objetivo principal.

Secretaria de Segurança Pública – Guarda Municipal. Essencial articulador entre as medidas e estratégias traçadas desde a abordagem do infrator (pichador, no caso), até o registro da infração. Envolvimento e gerência das atividades e projetos desenvolvidos pela Guarda Municipal. Intercâmbio com a Vara Especial da Infância e Juventude, com a Delegacia da Infância e Juventude, Seccionais e Distritos e Polícias Civil e Militar.

Secretaria de Educação – Gerencia o CEPROCAMP, Centro de Educação Profissional “Prefeito Antônio da Costa Santos”, além de outros projetos que oferecem cursos profissionalizantes como forma de aumentar as oportunidades do jovem em seu primeiro emprego. O CEPROCAMP é a primeira escola pública municipal em Campinas a oferecer gratuitamente educação profissional às pessoas de baixa renda. Foi inaugurado em 14 de Setembro de 2004 e está instalado em um dos barracões da antiga Estação Fepasa, onde toda estrutura física foi restaurada como parte do projeto de Revitalização do Centro da cidade de Campinas, idealizado pelo Prefeito Antônio da Costa Santos, o “Toninho”. O CEPROCAMP tem como finalidade contribuir para minimizar a exclusão social, econômica e cultural por intermédio da oferta de educação profissional, possibilitando aos jovens e adultos, o exercício da cidadania, desenvolvimento da capacidade de articular trabalho, ciência e cultura e participação no trabalho socialmente produtivo. São oferecidos cursos de: garçom, recepcionista, informática básica, construção civil, inglês para taxistas, práticas de escritório. Dentre esses cursos se destaca o de “Iniciação à conservação e ao restauro” e faz parte do Programa Cidade Limpa, que pretende acabar com as pichações em espaços públicos, principalmente monumentos, propondo no lugar dessa prática a integração de grupos de pichadores em atividades artísticas oferecidas pelo CEPROCAMP.

Coordenadoria Municipal da Juventude. Foi criada com o objetivo de organizar, articular e desenvolver políticas voltadas às necessidades dos jovens da cidade, garantindo a existência de programas, projetos e espaços políticos para a juventude na estrutura do governo. É responsável pelo acompanhamento de campanhas e trabalhos desenvolvidos nas escolas, propiciando a integração de entidades estudantis e grupos que já atuam sobre o tema, como o Hip Hop.

Secretaria de Cultura Esportes e Cultura. Tem como finalidade propiciar e estimular atividades esportivas, culturais e de lazer, além do desenvolvimento de trabalhos artísticos que visam o enobrecimento visual da cidade.

CONDEPACC – Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas, visa promover ações de conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio histórico.

Atos Públicos contra as pichações

Em 11 de Novembro de 2006, foi destaque em Campinas uma manifestação popular contra as pichações, o estopim da manifestação foi a depredação feita por pichadores na sede da banda Carlos Gomes. O evento, denominado “Traga a sua arte contra a pichação”, foi organizado pelo produtor cultural Cabeto Rocker, que afirmou que o encontro dará início às ações para promover uma campanha contra o vandalismo que polui a cidade, unindo a sociedade civil, o poder público e a iniciativa privada.

A manifestação teve como objetivo a reunião de idéias e propostas para uma ação conjunta a ser encaminhada às autoridades responsáveis pela fiscalização e pelo desenvolvimento de políticas públicas.

O propósito foi também o de formatar várias intervenções que poderão ser adotadas não apenas para punir o pichador ou responsabilizar os pais de crianças e adolescentes flagrados, mas também para educar no intuito de trocar a cultura da destruição pela construção. Rocker,⁵ o organizador da manifestação afirma que: *“Por meio de ações conjugadas entre artistas e líderes comunitários, estão previstas a multiplicação dessas ações para conscientização desses jovens que arriscam suas liberdades e até suas vidas, a trocarem a pichação por ferramentas artísticas que tragam benefícios e sendo de respeito ao patrimônio público e privado”*.

O ato foi deflagrado com apoio do Centro Cultural Carlos Gomes, das Oficinas Culturais da RMC e Zada Produções Culturais. Ele foi motivado pela indignação que toma conta da cidade diante de tanta sujeira, mas especialmente pelo ataque de pichadores à sede da Banda Carlos Gomes, sofrido em Outubro de 2006, uma semana após a finalização dos trabalhos de restauração desse prédio histórico. Passados alguns dias, o prédio voltou a ser vítima de novo ataque.

O restauro do prédio e a reconstituição das pinturas murais tinham sido realizados com recursos liberados pela Sociedade de Saneamento e Abastecimento de Campinas

⁵ COSTA, Maria Teresa Costa. “Prefeitura inicia ações anti-pichação”. **Correio Popular**. Campinas, 6 de nov. de 2006, Cidades. A6.

(Sanasa). Orçado em R\$ 184 mil, a empresa fez a doação utilizando a lei de incentivo à Cultura (Lei Rouanet). A sede da banda, construída há 75 anos, é tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (Condepacc).

Graffiti como alternativa a pichação

Algumas atividades voltadas para a preservação do patrimônio foram postas em prática com a contratação de grafiteiros para pintar espaços públicos. Os graffiti nos muros das ruas do centro da cidade e no tapume da Estação Guanabara são alguns exemplos de iniciativas de preservação que podem ser verificados.



Figura 10 – Graffiti Mogiana I

Foto: Sales, A.C.G., 2006



Figura 11 – Graffiti Mogiana II

Foto: Sales, A.C.G., 2006



Figura 12 – Graffiti Terminal Barão Geraldo I

Foto: Sales, A.C.G., 2006



Figura 13 – Graffiti Terminal Barão Geraldo II

Foto: Sales, A.C.G., 2006



Figura 14 – Graffiti Centro Campinas I

Foto: Sales, A.C.G., 2006



Figura 15 – Graffiti Centro Campinas II

Foto: Sales, A.C.G., 2006

A pichação é uma espécie de marca de pertencimento ao espaço, uma expressão perversa da exclusão. É preciso olhar o pichador como alguém que deve ser integrado àquele espaço. A pichação é um mecanismo de comunicação, não um ato de banditismo e delinquência. A integração participativa do jovem faz com que ele não “agrida” com seus símbolos um meio que lhe é hostil.

Assim, é necessário integrar o pichador à vida da cidade para evitar a depredação do patrimônio. Os resultados de tal medida serão atingidos a longo prazo, já que a solução do problema depende da sensibilização da população sobre a preservação do patrimônio público.

Medidas de preservação também foram adotadas pelas Secretarias Municipal e Estadual de Educação com os projetos **Escola da Família** e **A Escola é Nossa**, que abrem os estabelecimentos de ensino aos finais de semana para os alunos e para a comunidade local. Depois que esses projetos foram implantados, o resultado foi a redução drástica dos casos de depredação e pichação dos prédios e dos casos de violência nas escolas.

CAPÍTULO III – MOVIMENTO DE PICHADORES E GRAFITEIROS EM CAMPINAS

Campinas possuiu mais de uma centena de grupos de grafiteiros espalhados por toda a periferia, para a presente pesquisa foram selecionados três grupos que são considerados os de maior expressão no movimento de graffiti na cidade e formadores de opinião, além de terem participado dos principais projetos de graffiti promovidos pela Prefeitura Municipal de Campinas.

Com relação aos pichadores, para o levantamento dos grupos foram consultadas fontes da imprensa local, principalmente o jornal Correio Popular. Por conta da clandestinidade dos grupos de pichadores e da impossibilidade de ser relatada a identidade dos membros desses grupos as fontes de consulta são restritas.

3.1– GRAFITEIROS DE CAMPINAS

Grupo Maloca - Vila Costa e Silva

O grupo Maloca da Vila Costa e Silva, região norte de Campinas, começou a atuar no bairro em 1998. O Maloca conta com um número pequeno de participantes do bairro e da região. O idealizador desse grupo foi um jovem chamado Fred, que na ocasião tinha 21 anos.

Tudo começou enquanto Fred estudava na escola do bairro. Ele fazia e o colegial e percebeu que não havia abertura, nem por parte da direção da escola nem por parte dos professores, para introduzir na sala de aula ou mesmo nos intervalos alguma discussão sobre o Hip Hop, pois, como disse em depoimento, ele considerava fundamental a discussão de interesses e ideais dos alunos, uma vez que não se identificavam com o discurso letrado e institucionalizado. Fred concluiu o curso secundário na escola em 1998, não conseguindo durante o Ensino Médio abertura modo algum.

Certa noite revoltado, decidiu, pular o muro da escola e munido com uma fita de rap, tentou tocá-la no pátio da escola fazendo ouvir a “sua” música conscientizadora. O diretor chamou a polícia e Fred, pulou o muro de volta e por muito pouco não acabou sendo preso. Através da iniciativa de uma professora de história, uma das mais antigas da escola,

Profa. Beth, foi discutido com os alunos do colegial o caráter de resistência do movimento Hip Hop. Então, a escola foi quem procurou Fred para que este orientasse o trabalho da professora. Como resultado disso, temos os vários muros, que podem ser observados na escola e no bairro, todos “grafitados” por membros do Maloca.

O nome Maloca é uma alusão à habitação pobre onde moram os excluídos da sociedade, aqueles que estão à margem do processo social (explicação dada por ele).

Atualmente o grupo de Fred participa de vários eventos de Hip Hop em Campinas e em outras cidades, eventos esses promovidos pela Prefeitura Municipal de Campinas através da Casa do Hip Hop.



Figura 16 – Graffiti Maloca I

Foto: Sales, A.C.G., 2006



Figura 17 – Graffiti Maloca II

Foto: Sales, A.C.G., 2006

Essas imagens retratam o universo do Hip Hop com seus respectivos elementos: personagens, temas, cenários etc. De acordo com Fred⁶: “*A importância da presença desses elementos nos grafites do grupo é a de representar cotidiano do jovem da periferia*”.

Graffiti Osmir Aparecido da Silva Pinheiro

Osmir Pinheiro, técnico contábil, começou a grafitar em 1998, mas antes de iniciar sua produção no grafite ele já participava do movimento Hip Hop dançando Break e cantando Rap. Ele tem uma *crew* (grupo que grafita em conjunto) chamada Olites, *stilo*, ao contrário, segundo Osmir.

Participou dos eventos de grafite promovidos pela Prefeitura, como os trabalhos de grafiteagem do Terminal Barão Geraldo, da Mogiana e da Estação Guanabara, entre outros.

Atualmente mora no Jardim Maria Rosa, região Oeste de Campinas, onde é reconhecido pelos vizinhos e familiares pelo seu trabalho como grafiteiro. Osmir ao contrário de muitos grafiteiros de São Paulo, como Os Gêmeos e o Nunca – de expressividade internacional –, gostaria de viver somente de sua arte, mas ainda o graffiti

⁶ Depoimento à autora, Janeiro de 2000.

em Campinas busca notoriedade. O graffiti para ele está em evolução como aconteceu com o Rap que surgiu nas ruas e está nas gravadoras, portanto o graffiti poderia ir para as galerias, museus etc, mas, segundo ele, deve continuar na rua, pois é uma arte genuinamente da rua, para as ruas e para as pessoas que não têm acesso aos espaços institucionais da arte.

O graffiti abaixo, de acordo Osmir⁷, relata a sociedade que “engole” os grafiteiros e não os integra, enquanto estes continuam na busca pela auto afirmação e reconhecimento.



Figura 18 – Graffiti Olites

Fonte: www.fotolog.net/mirss

Gustavo Marciano Bordin, o Nenão

Gustavo Bordin é ex-pichador, há três anos começou a grafitar. Estudou pintura, pesquisou desenhos, analisou outros grafites. Ganhou notoriedade em Campinas com seus

⁷ Depoimento à autora, Fevereiro de 2007.

trabalhos na Mogiana e foi convidado por empresários da cidade para fazer um painel em um bar e uma campanha para uma escola de inglês.

A rotina de um dia de grafitagem é bastante cansativa. Geralmente Nenão chega cedo, alisa o muro com uma espátula e começa a pintar. “*Dependendo do tamanho leva um dia inteiro*”, relata o artista.⁸

Quando o grupo tem idéia do quê vai pintar, fica combinado o material que cada um deve trazer. Para ele, o graffiti é uma arte: “*Eu só faço trabalhos autorizados pelos proprietários dos espaços*”.⁹

A imagem a seguir mostra o estilo *wilde style* (letras bem espaçadas e coloridas). O desenho apresenta muitas cores, uma característica forte dos trabalhos de Nenão, e retrata personagens do universo da arte.



Figura 19 – Graffiti Nenão

Foto: Sales, A.C.G., 2006

3.2 – PICHADORES DE CAMPINAS

⁸ Fonte: MAIA, Rodrigo. “Craques do Spray”. **Correio Popular**, Campinas, 3 de dez. de 2006. *Metrópole*, p.47.

⁹ Idem.

Ao contrário dos grafiteiros, que realizam seu trabalho com sua *crew* ou com outros grupos, os pichadores em Campinas são grupos fechados e competem entre si.

Uma pesquisa realizada pelo Departamento de Psicologia e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, confirma como garotos e garotas, alguns já maiores de 18 anos, vêem a pichação. A pesquisa também traçou o perfil dos pichadores na cidade¹⁰:

58% são de famílias evangélicas;

48% são de famílias católicas;

96% praticam pichação em grupo;

100% procuram fachada destaque e que tenha visibilidade para a população;

100% deles não acreditam na autoridade e repudiam a polícia.

Segundo estimativa do Coordenador de Ação Cultural da Prefeitura Municipal de Campinas, Paulo Shetara, existem por volta de 40 grupos de pichadores na cidade.

Entre eles os RGs (Os Registrados), uma das maiores gangues de pichação não só de Campinas, mas com alianças (grupos representantes) em todo o Estado de São Paulo e com centenas de adeptos campineiros.

Em Campinas as duas maiores alianças são formadas pelos Os + Imundos e os RGs, que são arquiinimigos. Quando se encontram é briga na certa.

¹⁰ Fonte: Pesquisador Alex de Toledo Ceará, Departamento de Psicologia e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) – UNICAMP. *Apud* SILVA, Carla. “ Jovem encara pichação como aventura”. **Correio Popular**, Campinas, 17 de jun. de 2007. Cidades, A5.



Figura 20 – Galeria Pajé

Foto: Sales, A.C.G., 2006

*“Quando a gente entra para uma das duas, há um compromisso de bater ou apanhar. Você passa a fazer parte de uma família”, disse Carlos (nome fictício). “Não pertence a nenhum grupo. Corro neutro (picho sozinho), mas recebi convites para integrar as duas”, completou Carlos em entrevista ao jornal **Correio Popular** de 17 de junho de 2007.*

Segundo Alex de Toledo Ceará, autor da pesquisa, as alianças são formadas por adolescentes com idade entre 15 e 17 anos, a maior parte meninos que moram apenas com a mãe na periferia da cidade. São jovens que cursam o ensino fundamental ou não estudam: *“O que eles buscam é visibilidade social e superação”*. Eles encontram identidade, autoafirmação e aprovação entre os colegas, já que através da sociedade isso não acontece.

As Alianças e a morte de um pichador

As alianças de pichadores são sempre formadas por um líder, que é o responsável por angariar vários adeptos. No entanto, para se conseguir o aval de ser um deles, é necessário cumprir uma série de metas. “*Quanto mais pichações forem feitas em diferentes pontos e mais altos, conta ponto. Para ser um Registrado, por exemplo, você tem que ter mais de setenta pichos (pichações) na cidade*”, completa Carlos.

Além dos RGs e dos Os + Imundos, as alianças, também chamadas de grifes, identificam os grupos de pichadores da cidade.



Figura 21 – Prédio Centro Campinas

Foto: Sales, A. C. G., 2006.

Figura 22 – Grifes de Pichadores

Fonte: Correio Popular, 16/10/2006



Com relação ao acesso aos prédios mais altos, conforme levantado pela pesquisa da UNICAMP, os pichadores relatam que em Campinas é muito fácil entrar em um prédio: “Fazendo acordo com o porteiro ou pulando o muro e subindo pelas escadas do elevador”. “Acontece”, segundo Carlos, “da gente fica com uma mina (menina) só para entrar no prédio dela”. Outras maneiras são escalar as paredes ou fazer escada humana, um sobre o ombro do outro. Nas alturas o desafio é imprimir a marca.

Uma das técnicas usadas com raridade é ficar pendurado pelas pernas de cabeça para baixo, como aconteceu com Jefferson, 18 anos, pichador morto em 07 de Junho deste ano quando, ao pichar um prédio comercial na esquina da Rua 11 de Agosto com a Avenida Campos Salles, no Centro de Campinas, caiu do telhado. Uma lata de tinta e um rolo de spray foram encontrados no telhado.

Testemunhas que estavam nas proximidades pela madrugada afirmaram aos policiais que ouviram um grito por volta das 3h e um barulho. O adolescente veio a falecer

por volta das 17h45 em consequência dos graves ferimentos na cabeça causados pela queda.



Figura 23 - Prédio de onde caiu o pichador, no centro de Campinas.

Foto: Sales, A. C. G., 2007.

Em homenagem ao pichador morto, foi pichada num prédio na Av. Francisco Glicério a inscrição *em memória*. A mesma inscrição, seguida por palavras de protesto e ilustrada por um graffiti, também faz alusão à memória do pichador morto. Essa homenagem aparece num tapume de uma obra na rua 13 de Maio, também no Centro de Campinas.



Figura 24 – Pichação em homenagem ao pichador morto.

Foto: Sales, A. C. G., 2007.



Figura 25 – Dedicatória ao pichador morto.

Foto: Sales, A. C. G., 2007.

O jornal **Correio Popular** em reportagem do dia 09 de Junho de 2007, relata que o jovem cumpria o desafio da aliança dos RGs . Entre os pichadores Jefferson era conhecido como “Bode” e também como “Fuck”.

4 – CONCLUSÃO

Mais que expressão artística, graffiti e pichação exprimem a experiência contemporânea dos jovens da periferia da cidade. Em termos artísticos, a expressão do graffiti e da pichação mostrou-se importante no sentido de compreender o ponto de vista dos jovens sobre os problemas que os atingem diretamente. Para o estudo e análise do graffiti e da pichação na cidade de Campinas, foi fundamental contextualizar historicamente esses dois movimentos.

No Capítulo I apresentou-se porém essa contextualização com ênfase no costume pré-histórico do homem em deixar suas marcas, como exemplo, os desenhos encontrados nas escavações arqueológicas em Altamira, na Espanha, que retratavam o cotidiano do homem da época. O mesmo costume foi verificado em Pompéia, Itália, através dos registros nos muros preservados pela lava do Vesúvio. Esses registros retratavam aspectos da sociedade não encontrados em documentos oficiais. Muitos autores, anônimos ou não, rabiscavam suas mensagens com finalidades diversas: deixar a marca de sua presença no lugar, expor suas idéias, fazer críticas a alguém, fazer denúncias, comentários ofensivos, geralmente de natureza sexual etc. Esses escritos, já na época conhecidos como graffiti, (*grafitos* em italiano), têm grande importância para a história da sociedade romana do século I, pois retratam de maneira fiel os hábitos da sociedade da época.

Embora pichação e graffiti tenham certa semelhança quando se fala em costumes dos povos de outrora, diferenciam-se pela **intenção**. Enquanto o homem pré-histórico, ao desenhar, tinha a concepção do aprisionamento da imagem, a pichação e o graffiti atendem a uma necessidade de seus autores em deixar a sua marca, seja de forma clandestina (pichação) ou não (graffiti autorizado).

Ainda nesse capítulo, há a apresentação da evolução da pichação de protesto para o graffiti enquanto arte resultante da expansão do movimento Hip Hop, que surgiu nos guetos americanos no final da década de 60. O graffiti agregava conceitos das artes visuais, ao passo que a música expressava temas da comunidade marginalizada – mesclando soul music, blues, salsa, jazz, funk, calipso – e começava a dar o tom do que seria o Rap atual. Portanto o Hip Hop é um movimento formado pelos elementos: Rap (música), Break

(dança) e Graffiti (arte visual) e o MC Mister Ceremony, responsável pela animação das festas nos guetos.

Mas desde já é preciso ter claro que o Hip Hop é um movimento integrado por práticas juvenis construídas no espaço das ruas. E, aos olhos dos jovens, não se resume a uma proposta exclusivamente estética, envolvendo a dança break, o graffiti e o rap, mas, sobretudo, a fusão desses elementos como arte engajada.

O rap possui características especiais e é o elemento de maior força do movimento, pois projeta maior visibilidade através da voz, expressando a identidade juvenil desses atores sociais. E foi através do Rap que a cultura Hip Hop disseminou-se no Brasil no final da década de 70, por meio dos bailes e das lojas específicas de musicalidade negra.

São Paulo foi precursora do movimento Hip Hop no Brasil, no início da década de 80, por intermédio de equipes de baile, das revistas e dos discos vendidos nas lojas da Galeria 24 de Maio, um espaço tradicionalíssimo de recreação, compras e encontros da juventude negra paulistana, localizado no centro da capital. Fazer esse percurso do movimento, tendo como foco a cidade de São Paulo, nos permite entender que essa cidade foi o canal de divulgação dessa cultura por todo o país.

No capítulo II apresenta-se como foi o desenrolar do movimento Hip Hop na cidade de Campinas, para tanto foi necessária uma abordagem histórica da cidade desde a sua fundação até a formação das vilas populares, pois sendo o graffiti e a pichação a arte das ruas, é nas vilas populares que se encontram predominantemente os participantes desses movimentos, cuja arte é um meio de auto-afirmação e reconhecimento, além de ser uma expressão de resistência à sua histórica exclusão do processo de desenvolvimento da cidade.

As iniciativas do poder público em divulgar os artistas grafiteiros da cidade e, ao mesmo tempo, inibir as pichações também são retratadas nesse capítulo. A questão da transgressão é tratada paralelamente à discussão da preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade.

O capítulo III retrata os grupos de grafiteiros de Campinas e sua participação nos programas educativos da Prefeitura Municipal de Campinas, além de apresentar suas imagens e impressões. Os pichadores, por conta de sua “clandestinidade”, são apresentados a partir de uma pesquisa feita pelo Departamento de Psicologia e Psiquiatria da Faculdade

de Ciências Médicas da UNICAMP que traça o perfil desses jovens. A finalização desse capítulo aborda os eventos decorrentes da morte de um pichador.

O graffiti e a pichação ainda que mantenham reciprocidades, tais como o meio urbano, a efemeridade das imagens nesse espaço e o fato de serem expressões legítimas da arte das periferias, são manifestações distintas no que tange às suas intenções e à questão estética.

Enquanto o graffiti busca a sua inserção nos espaços institucionais da arte, intenção da maioria dos grafiteiros consultados nesta pesquisa, a pichação quer ser transgressora, desafiadora e é dessa forma que seus membros buscam alcançar visibilidade, ainda que sejam vistos como marginais.

A Lei Federal Anti-pichação, embora considere crime pichar ou grafitar, não faz distinção desses dois elementos, desconsiderando a evolução do graffiti enquanto arte nas grandes cidades e como alternativa à pichação.

Durante todo o percurso deste trabalho pretendeu-se considerar a pichação como expressão dos grupos oprimidos, que face à sua condição de exclusão não lhes restam outras alternativas na busca pela auto-afirmação a não ser pichar os símbolos que representam a sua exclusão: os prédios, os monumentos, o patrimônio público.

O jovem pichador não se identifica com os elementos da cidade. Para ele o que significa a estátua em homenagem a Carlos Gomes? E a sede da banda que leva o mesmo nome do compositor, se suas músicas são o rap, o funk? O que significa estar no centro diante das inúmeras edificações, se sua referência de lugar é a periferia?

A respeito do conflito entre aqueles que detêm o poder (o político e o da propriedade) e os “subalternos afirma Elias (2000, p. 27): *“os marginalizados, considerados como estrangeiros e que não partilham os valores e o modo de vida vigentes (...) mantidos à distância, são legados às periferias sem poder de decisão”*.

Tal conflito é mencionado pelo grafiteiro Osmir¹¹:

Os pichadores procuram pichar mais no centro por causa do ibope, da visibilidade, se eles tivessem um espaço dado pela prefeitura, ou pelo MACC (Museu de Arte Contemporânea de Campinas, eles pensariam duas vezes antes de pichar. Neste contexto vejo a

¹¹ Depoimento à autora, Fevereiro de 2007.

pichação na condição de querer permanecer fora do circuito oficial da arte, pois se seu cerne é a transgressão, ao ser absorvida, considerada como arte, perde sua maneira de ser, seu cerne. Ao fazer uma análise estética da pichação não a incentivamos como tal, mas ela existe e para existir é somente na condição da clandestinidade da transgressão, se contrário não é pichação, é somente uma escrita ou letras ou símbolos autorizados.

A cidade de Campinas traz consigo o desafio de lidar com essa prática cada vez mais crescente dos jovens da periferia, que durante o percurso de sua evolução como metrópole relegou uma significativa parte desses jovens à marginalidade do processo de desenvolvimento. Através do movimento Hip Hop, agora em evidência pelas políticas públicas para a juventude, o graffiti vem a ser uma forma de inseri-los à sociedade, que, aos poucos, vem reconhecendo suas manifestações.

Mas o quê se pôde verificar é que o grafiteiro não quer exatamente ser absorvido, ir para a galeria, para o museu, ele ainda quer ser a expressão da periferia, como disse em depoimento o grafiteiro Osmir. A mesma opinião têm os grafiteiros de maior expressão na cidade de São Paulo, eles vivem de sua arte porém não deixam de fazer graffiti nas ruas.

No momento o quê temos é um movimento recente no Brasil, com pouco mais de 30 anos e que ainda está em evolução, desenhando a sua lógica, seu pressuposto nesse percurso. O graffiti “pegou uma carona” na pichação e quer também se estabelecer. A pichação seguramente foi anterior ao graffiti, mas só se desenvolveu a partir deles. Em Campinas não foi diferente, quanto mais notoriedade o graffiti adquire na cidade, mais importância tem a questão da pichação, que leva ao discurso do poder público o graffiti como alternativa à pichação.

Vê-se que se trata de uma dialética da representação, chamada por Baudrillard (2004, p. 9) de *modelos de representação e modelos de anti-representação*:

A orgia é o momento explosivo da modernidade, o da liberação em todos os domínios. Liberação política, liberação sexual, liberação das forças produtivas, liberação das forças destrutivas, liberação da mulher, da criança, das pulsações inconscientes, liberação da arte. Assunção de todos os modelos de representação e de todos os modelos de anti-representação. Total orgia de real, de racional, de sexual, de crítica e de anticrítica, de crescimento e de crise de crescimento. Percorremos todos os caminhos da produção e da superprodução virtual de objetos, de signos, de mensagens, de

ideologias, de prazeres. Hoje, tudo está liberado, o jogo já está feito e encontramos-nos coletivamente diante da pergunta crucial : O QUE FAZER APÓS A ORGIA?.

Nota-se que nesse embate, graffiti e pichação se encontram ao mesmo tempo em que se repelem, pois enquanto um particular ou o poder público contrata o trabalho de um grafiteiro, o fazem não por legitimar essa arte, mas sim para evitar que seu muro seja pichado.

Assim, ao considerar todas essas fases do graffiti e da pichação, permanecem questões que a sociedade atual ainda não conseguiu responder. Arte de rua, ou arte marginal?

Através do exame dessa arte e dos conteúdos que ela veicula constata-se que seus elementos são, ao mesmo tempo, silenciados e evidenciados; estão à espera de quem os olhe, os leia e lhes estabeleça um diálogo. É o quê procurou-se fazer neste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**. Petrópolis. Ed. Vozes, 2000.

ABROMAVAY, Miriam et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers; juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ALVIM, Rosilene, GOUVEIA, Patrícia (org.). **Juventude anos noventa: imagens e conceitos**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

ANDRADE, Elaine Nunes. **Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1996. (Dissertação de Mestrado)

ARCE, José Manuel Valenzuela. **Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos externos**. Campinas: Papyrus, 2004.

BOLETA (org). **Ttsss... a grande arte da pichação em São Paulo, Brasil**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

* Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

BRASIL. Lei nº 9605, de 12 de fevereiro de 1998. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, 1999 Dez 8 [acesso 1999 Dez 22]. Disponível em: http://www.in.gov.br/mp_leis/leis_texto.asp?ld=LEI%209887.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Angra de Tantos Reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade**. Niterói: Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, 1999. (Tese de Doutorado)

_____. **Os jovens e a cidade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Revista Movimento**. Faculdade de Educação/UFF. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

_____ & PEREGRINO, Mônica. **Jovens e Escola: Compartilhando territórios e sentidos de presença. Em questão: a escola e o mundo juvenil**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

CECHETTO, Fátima Regina. **Galerias funk cariocas: o baile e a rixa**. Rio de Janeiro: UERJ/Departamento de Ciências Sociais, 1997. (Dissertação de Mestrado)

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes do fazer**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

COSTA, Maria Regina. **Os carecas de subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. Petrópolis: Vozes, 1993.

COSTA, Maria Teresa Costa. “Prefeitura inicia ações anti-pichação”. **Correio Popular**. Campinas, 6 de nov. de 2006, Cidades. A6.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.

_____. **A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte**. São Paulo: Faculdade de Educação, 2001. (Tese de Doutorado)

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p.117-137, jan./jun. 2002.

_____. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília (org.) **Juventude e Escolarização**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____ & CARRANO, Paulo. Jovenes de Brasil: dificultades de finales del siglo y promesas de un mundo diferente. **Jovenes: revista de estudios sobre juventud**. México, v. 6, n.17, Julio-Diciembre 2002.

_____. Escola e Culturas Juvenis. In: FREITAS, Maria Virginia & PAPA, Fernanda de Carvalho(orgs.). **Políticas Públicas: a juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

_____. Cultura e Identidades Juveniles. **Última Década**. Vina del Mar, Chile, ano 11, n. 18, p.69-93, 2003.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-53, set./out./nov./dez. 2003.

ELIAS, Norbert. **Os outsiders e os estabelecidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ERIKSON, Erik. **Identidad, juventud y crisis**. Buenos Aires: Paidós, 1971.

FEIXA, Carlos. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1998.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti?**. São Paulo: Editora brasiliense, 1999.

GUERREIRO, Goli. **Retratos de uma tribo urbana: rock brasileiro**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

GUIMARÃES, Elias Lins. **Os saberes de uma festa: conhecimento e vivência de jovens negros no Bloco Afro Areketu**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1995. (Dissertação de Mestrado).

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação. A construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2004.

GUIMARÃES, Maria Eloísa. **Escola, galerias e narcotráfico**. Rio de Janeiro: PUC-RJ/Departamento de Educação, 1995. (Tese de Doutorado)

HALL, S. The work of representation. In: Hall, Stuart. **Representations: cultural representations and signifying practices**. London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage/ The Open University, 1997. (Tradução Ricardo Uebel).

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

_____. (org.). **Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KEMP, Kenia. **Grupos de estilo jovens: o rock underground e as práticas (contra) culturais dos grupos “punk” e “trash” em São Paulo**. São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1993. (Dissertação de Mestrado).

LUCCCI, Elian Allabi. **História Geral**. 2^a ed. São Paulo: Saraiva, 1984.

MACIEL, Cléber da Silva. **Discriminações Raciais: negros em Campinas (1888-1921)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1987.

MAIA, Rodrigo. “Craques do Spray”. **Correio Popular**, Campinas, 3 de dez. de 2006. *Metrópole*, p.47.

MANCO, Tristan. ART, Lost e NEELON Caleb. **Graffiti Brasil**. London: Thames & Hudson, 2005.

MARQUES, Maria Omélia da Silveira. Escola noturna e os jovens. **Revista Brasileira de Educação**. Juventude e Contemporaneidade. São Paulo: ANPED, n. 5/6, 1997.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MELUCCI, A. e FABBRINI, Anna. **L’età dell’oro: adolescenti tra sogno ed esperienza**. Milano: Feltrinelli.1992.

_____. **I gioco dell’io: il cambiamento di sè in una società global**. Milano: Feltrinelli, 1996.

_____. **L’invenzione del presente: movimenti sociali nelle società complesse**. Bologna: Il Mulino, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Fala, galera: juventude, violência e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1993.

PERALVA, Angelina. **Juvenização da violência e angústia da morte**. ANPED, 1996 (mimeo.).

_____. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, ANPED, n 5/6, 1997b.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, Pichação & Cia**. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

ROCHA, Janaina et al. **Hip Hop a periferia grita**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

ROELS JR., Reynaldo. *Jornal do Brasil*, 07 de Março de 1988. Caderno 9, p. 11.

ROSA, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e cidade pós-industrial no hip hop. In: HERSCKMANN, Micael. **Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude nos anos 90. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília, CNPD, 1998.

SILVA, Carla. “ Jovem encara pichação como aventura”. **Correio Popular**, Campinas, 17 de jun. de 2007. Cidades, A5.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana**. Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH,UNICAMP, Campinas – SP, 1998.

SOUTO, Jane. Os outros lados do funk carioca. In: VIANNA, Hermano (org.) **Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, v. 5 n. 1 e 2, p.161-178, 1993.

_____. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Texto apresentado na ANPED, 1999 (mimeo.).

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997.

_____. Educação e juventude. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, n. 29, 1999.

_____. Políticas metropolitanas de juventude: projeto temático. São Paulo, 2002, mimeo.

_____ (org.). **Juventude e Escolarização – Estado do Conhecimento (1984-1998)**. Brasília, DF: INEP, 2002.

_____. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

TELLA, Marco Aurélio Paz. **Atitude, arte, cultura e autoconhecimento: o rap como voz da periferia**. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais da PUC-SP, 2000. (Dissertação de Mestrado).

TELLES, Vera da Silva. A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. São Paulo, Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**, v.4. n. 1 e 2, p. 53-93, 1992.

TOOP, David. **Rap attack 3. African rap to global hip hop**. London: Serpent's Tail, 2000.

VENTURI, Gustavo e ABRAMO, Helena. Candidatos a cidadãos. In: **Um ano de juventude**. Câmara Municipal de São Paulo. Mimeo. 2001.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O uso do termo representação na educação em Ciências e nos Estudos Culturais. In: **Pro-posições** – Vol. 12, nº 1 (34) – março/2001.

ANEXO

Prefeitura Municipal de Campinas

Gabinete do Prefeito

Coordenadoria de Comunicação

Movimento Anti-Pichação – Campinas Cidade Limpa

O presente Relatório Preliminar foi elaborado pela Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura de Campinas, com base nas propostas resultantes das diversas reuniões dos grupos e cidadãos integrantes do Movimento Anti Pichação, citados ao final. O Relatório tem como objetivo a apreciação e tomada de decisões por todos os integrantes do Movimento, seja no âmbito do Governo Municipal de Campinas, seja no rol de outras entidades governamentais, da iniciativa privada e da sociedade civil organizada. A implantação das ações aqui propostas, ou em estudo, dependerá da avaliação dos integrantes do Movimento.

Campinas, 29 de novembro de 2006.

Introdução

Pichação é o ato de desenhar, rabiscar, ou apenas sujar um patrimônio de qualquer ordem (público, privado) com uma lata de spray (utilizado devido à grande dificuldade de remoção) ou rolo de tinta, etc.

Diferentemente do grafite, cuja preocupação é de ordem estética, o piche tem como objetivo a demarcação de territórios entre grupos rivais. No geral, consiste em fazer algo que confronte a sociedade, às vezes com frases de protesto, outras com assinaturas pessoais.

Temos observado em Campinas inúmeros imóveis particulares e públicos "pichados". Tais pichações produzem uma poluição visual que, além danificar economicamente os imóveis atingidos pela desconformidade estética, trazem conseqüências desastrosas à estética urbana, ao paisagismo e ainda ao meio ambiente urbano. Juridicamente pichar ou outro meio de poluir edificação ou monumento urbano é crime ambiental nos termos do art. 65, da Lei 9.605/98, com pena de detenção de 3 meses a um ano, e multa. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada por seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena passa a ser de 6 meses a um ano, e multa (§ único).

Porém, a mera existência de legislação punitiva não tem sido suficiente para inibir estes atos em nossa cidade. Cabe então, à Administração do Município exercer a sua autoridade administrativa e garantir o desenvolvimento urbano, garantindo ainda o bem estar de seus habitantes (art. 182, Constituição Federal), sob pena de seus agentes responderem pelo crime ambiental de responsabilidade por deixarem de adotar as providências que lhes compete na tutela ambiental (art. 68, Lei 9.605/98, Crimes Ambientais). Além disso, todos os cidadãos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (art. 225, CF), no que se inclui o meio ambiente urbano com suas características harmônicas e estéticas.

A cidade deve ser um local agradável de se viver e trabalhar, onde o cidadão encontra saneamento, transporte, lazer, recreação, esporte, cultura e ambiente visual limpo, por exemplo. Nestes termos, a estética urbana é primordial para o bem estar da população e representa elemento importantíssimo em uma cidade e pela sua característica imaterial e por estar a disposição de todos, pode ser classificada como bem difuso, isto é, de todos, que deve ser protegido tanto pelo poder público, principalmente o municipal (art. 30, I e IX, CF), quanto pela coletividade; se preciso através da ação civil pública (Lei 7.347/85).

Portanto, cabe ao Poder Público Municipal, auxiliado pelos agentes da polícia, resguardar o direito do cidadão de ter seu imóvel protegido contra os "pichadores", bem como manter limpos os bens públicos como monumentos, praças, pontes e outros bens de uso comum do povo.

Apesar dessas considerações iniciais, é notório que o problema é de toda a cidade e não apenas da administração municipal. Da mesma forma fica claro que somente ações de cumprimento da Legislação e da elaboração de novas Leis não são suficientes para a solução do problema. Faz-se necessário um conjunto de ações a serem desenvolvidas pelo conjunto de forças vivas da cidade para possamos vislumbrar uma luz no final do túnel. Urge, portanto, uma grande somatória de esforços governamentais e privados, com o EFETIVO COMPROMETIMENTO DE TODOS, sem jogo de empurra, com cada um assumindo a sua responsabilidade, não apenas legal, mas principalmente cívica e cidadã.

Objetivos do Projeto em Campinas

Este Movimento teve origem na insatisfação de diversos segmentos da sociedade, com o alto grau de degradação de nossos prédios públicos e privados e monumentos históricos. A Prefeitura de Campinas, na qualidade de Poder organizado com a responsabilidade de aglutinar os melhores interesses da sociedade, abraçou a causa, que tem como objetivo implementar propostas de políticas públicas, em parceria com instituições da iniciativa privada, contra esse grave problema da pichação na cidade.

Essas propostas considerarão o problema da degradação do patrimônio público e privado, da problemática da poluição urbanística e da falta de valorização, pela própria sociedade, do nosso patrimônio histórico local.

Como receptora dessa importante demanda da sociedade, a Prefeitura de Campinas, sob a orientação do Prefeito Dr. Hélio de Oliveira Santos, reuniu os diversos segmentos interessados em um debate com o objetivo de estabelecer ações que abram o leque de alternativas, que possibilitem aos infratores adotarem outros discursos, novas atitudes cidadãs e deixarem de agredir com a pichação os espaços da cidade.

Além de criar ações que ampliem a fiscalização e a repressão contra este tipo de vandalismo, o programa adota uma metodologia sócio-cultural e educacional que disponibiliza à população de todas as regiões da cidade uma passagem pela arte, por meio de oficinas com novos suportes para a escrita e a arte, seminários, palestras, participação de eventos de instituições, apropriação de espaços urbanos e uma grande campanha para a rede escolar. Como resultado, há ampliação das possibilidades de escrita, com o abandono de práticas transgressoras, maior respeito à memória social e o estabelecimento de laços sociais favoráveis ao mercado de trabalho e à participação cidadã.

Também como um de seus objetivos, o Programa visa estabelecer na cidade um Grupo de trabalho de combate às pichações e depredações, atuando de forma perene, ultrapassando administrações municipais e envolvendo a sociedade de forma definitiva.

A Prefeitura de Campinas, através de suas diversas secretarias, e em conjunto com instituições e entidades municipais e estaduais, trabalha para encontrar meios para reduzir os estragos causados por essa prática danosa à sociedade. Algumas importantes medidas estão sendo propostas para execução pela Prefeitura e instituições parceiras para tentar minimizar ao máximo o problema, fazendo com que haja uma massificação do combate à poluição da cidade e preservação do patrimônio.

E em face da necessidade de determinar as linhas de atuação a serem empreendidas, realizaram-se diversos encontros entre representantes de setores da sociedade campineira, para elaborar propostas que podem alavancar resultados concretos neste combate. Esse programa se constituiu em algumas linhas de atuação, agregando diversos setores que, articulados serão extremamente relevantes na estruturação de toda ação.

Decidiu-se atuar contra o problema da pichação em seis (6) frentes, compostas por técnicos e especialistas de cada setor específico:

- 1- Ação Educativa (promoção de conteúdos educacionais para atingir a sociedade local com informações que combaterão o problema);**
- 2- Ação Cultural (desenvolvimento de atividades que visem a inclusão artística para reduzir o problema da pichação);**
- 3- Ação de revitalização (limpeza dos lugares públicos, como monumentos, praças, prédios históricos e de administração pública;**

limpeza de lugares particulares pichados. O programa poderá ceder a mão-de-obra, enquanto o(s) proprietário(s) deve fornecer o material);

- 4- Ação Comunicativa (publicidade do programa para massificar o programa; divulgação das medidas a serem tomadas; montagem de campanha do programa e disseminação das estratégias em toda cidade);**
- 5- Ação de Segurança / Repressão (planejamento de novas medidas de segurança e aplicação efetiva de instrumentos existentes contra ação de pichadores).**
- 6- Ação Social / Cidadania (realização de medidas para promoção de práticas para permitam o envolvimento da sociedade com práticas sociais que envolvem o problema)**

Detalhamos à frente as propostas elaboradas para se adequarem durante toda as fases do programa no âmbito do município. Esclarecemos que as propostas expostas se inserem em um planejamento estratégico inicial, adequando-se a melhoramentos ao passo da efetivação de toda a ação.

Propostas Educacionais

Diversas medidas educacionais são planejadas para atuação conjunta no programa com as outras áreas operacionais.

Prevê-se o fortalecimento das parcerias existentes entre a Secretaria Municipal de Educação, demais instituições da sociedade civil e outras Redes de Ensino existentes na cidade para concretizar as propostas planejadas.

Vê-se que é necessário a formação ou o aperfeiçoamento de profissionais para se adequarem com educadores especiais, capazes de tratar de questões relacionadas com a aplicabilidade da educação como forma de prevenção e antídoto contra o problema da delinquência que pode gerar pichadores.

A esses educadores será necessária a capacidade de oferecer a crianças e jovens a oportunidade de vislumbrar potencialidades a serem desenvolvidas com a arte, com a pintura, com a preservação do patrimônio e com a conscientização de manter a cidade limpa e estruturada.

Proposta 1

Dentre diversas medidas avaliadas e analisadas pelo grupo técnico nas reuniões, viu-se a necessidade de elaborar ações pedagógicas que complementarão o programa pedagógico já existente na rede municipal de ensino, podendo ser ofertadas para os outros parceiros institucionais que se atrelarem ao programa, bem como a Rede Estadual de Ensino, a Rede Particular e demais instituições da sociedade civil que desenvolvem atividades educacionais na cidade.

A Secretaria de Educação do Município, por meio de sua coordenação pedagógica e equipe técnica, dirigirá a elaboração dessas ações, desenvolvendo atividades que norteiem as seguintes tarefas:

Todas as escolas municipais de Campinas (SP), poderão se envolver no programa, com algumas atividades, dentre elas “Pintando na Escola”. A Secretaria Municipal de Educação de Campinas procurará envolver pais, alunos e comunidade na manutenção e conservação das unidades escolares, contra as pichações nos prédios públicos. Trata-se de programa amplo de conservação de escolas municipais que conta com a participação direta da comunidade. Isso é importante para a manutenção das escolas, que terão cada vez mais defensores envolvidos na sua conservação.

Essa ação inclui reprogramação no paisagismo em algumas escolas, que podem ter jardins e áreas verdes criadas ou recuperadas. Quem constrói algo bonito numa escola pode deixar de destruir.

Pode se pensar em buscar parcerias com a Secretaria do Estado da Educação do Estado de São Paulo, que tem 4.337 escolas estaduais beneficiadas por um programa pedagógico similar. O número representa 80% das cerca de 5.300 escolas estaduais de São Paulo.

Proposta 2

Projeto Pedagógico de Arte-Educação

As atividades podem acontecer em forma de rodízio, com três áreas do conhecimento por dia, distribuídas ao longo da semana, sendo elas: Aulas de Arte e Pintura (sendo o eixo estruturador); Apoio Pedagógico; Cidadania e Saúde. Um dos objetivos do Projeto é priorizar a totalidade da pessoa humana em suas ações, vislumbrando assim sua atuação na promoção do desenvolvimento humano.

O projeto tende a promover o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes, tendo a arte-educação como eixo estruturador das ações do programa. O fundamento pedagógico do projeto é baseado nos Pilares da Educação da Unesco: Aprender a Conviver, Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer e o Aprender a Ser. Em cada projeto é eleito um desses pilares para ser ressaltado

Por ano é escolhido um tema central para ser desenvolvido nos subprojetos que podem, geralmente, acontecer bimestralmente. O tema do período citado Arte-Educação na natureza e Meio Ambiente, que é tema condutor para a interdisciplinaridade entre as áreas de Apoio Pedagógico, Saúde e Cidadania.

Ao abordar o eixo principal, a Arte-Educação, os educadores estimularão uma referência à pintura muralista da Arte Românica, visto que neste significativo momento da história da arte os muros das construções eram utilizados intensamente como espaços a serem preenchidos com pinturas. Na verdade o próprio termo grafite vem do italiano grafite que é plural de grafito. Grafito significa em latim e italiano escritas feitas em carvão. Na Roma antiga eram feitas escritas com carvão nos muros de suas construções que variavam desde manifestações de protesto até divulgação de leis ou acontecimentos públicos, ou seja, esta era uma forma de comunicação válida. O local escolhido para a atividade pode ser até as fachadas das entradas principais das Escolas, visto que proporciona grande visibilidade ao futuro produto.

Essa proposta pedagógica tende a fortalecer o contato e convivência entre Projeto, Escola e Comunidade; estudar sobre as novas formas de linguagem da pintura

contemporânea; despertar a consciência de cada integrante do projeto em relação ao seu meio ambiente; promover os valores: prazer, respeito, estético e a criatividade.

A metodologia empregada constitui-se em utilizar a proposta triangular (contextualizar; fazer; e fruir) na arte-educação, tomando como base uma manifestação popular da arte contemporânea, para que seja desenvolvido uma atividade que integre escola, comunidade e projeto. Essa linha metodológica visa contextualizar o programa educacional, mostrando a diferença de uma pichação e um grafite. A pichação em nossa sociedade possui uma conotação de vandalismo, pois não é mais uma contestação como na década de 60, é (para muitos, talvez não todos) apenas um diálogo mudo entre gangues de adolescentes, em busca de um poder sem sentido.

O que acontece nesse caso, é um monólogo, ou seja, um código reconhecido apenas dentro de um grupo. Já o grafite é uma forma dos integrantes de um determinado grupo se comunicarem com a sociedade em que vivem, tornando-se hoje até mesmo um meio de capacitação profissional, através da criatividade e de muita preocupação estética, sempre elaborando com elementos que se integram na pintura como elementos externos a ela, como as fuligens das ruas, a integração corporal do pedestre junto ao barulho dos automóveis. Com o projeto, cada turma será conduzida por educadores a conhecer a questão dos limites impostos pela sociedade, revisando temas como a questão do respeito aos espaços alheios e a preservação dos bens coletivos e particulares.

Proposta 3

Confecção, ou utilização de cartilhas educativas ou livretos de ilustração já existentes, que serão encaminhados para as Escolas Municipais e parceiros, utilizando-se da linha pedagógica desenvolvida para o programa. Esse material poderá ser feito com parcerias de instituições do setor privado e da sociedade civil.

Proposta Culturais

Diversas medidas culturais são planejadas para atuarem conjuntamente no programa com as outras atuações operacionais.

Vê-se a importância de manter perenemente em funcionamento, em diversas localidades da cidade, ações culturais que promovam a inserção de pessoas em atividades de desenvolvimento artístico, cultural e de entretenimento que visem maior conscientização da importância de evitar e extinguir o problema da pichação de prédios públicos e particulares na cidade.

Proposta 1

Oficinas de grafismo e pintura nas casas de cultura. Permite trabalhar com os alunos outra forma de expressão artística, bem como propicia discutir a questão do coletivo/individual. As oficinas acontecerão de forma permanente visando os seguintes objetivos:

Trabalhar expressão artística.

Desenvolver a sensibilidade e a criatividade dos alunos. Possibilitar uma reflexão crítica dos alunos em busca da construção de um conceito de cidadania. Promover a integração social.

O que também pode ser trabalhado a mais com estas oficinas?

Língua Portuguesa; pintura artística, clássica e publicitária; e Cidadania.

Proposta 2

Criação do Disk Arte – 156

Utilizando a estrutura do 156, da Prefeitura de Campinas, o DISK ARTE estará preparado, com base em dados levantados e alimentados previamente, a fornecer informações e encaminhamentos de pessoas interessadas em participar de cursos de Grafite e de Pintura a serem oferecidos, de forma permanente, em todas as casas de cultura do município e entidades conveniadas.

Proposta 3

Disponibilização de painéis renováveis

A disponibilização de painéis, tipo out-door, com troca freqüente de papel, para utilização por quem deseje expressar sua manifestação gráfica.

Proposta 4

Concurso de Pinturas em Muros (espaços abertos)

O muro pode se transformar em Galeria a Céu Aberto. Exemplo: “Campinas, cidade cartão-postal”. A Prefeitura poderá elaborar concursos que ofertarão prêmios simbólicos ou vantajosos em dinheiro para estimular que pichadores se transformem em artistas do Grafite.

A novidade da exposição permanente é que as obras não serão pintadas na fachada. Alguns lugares podem ser preparados para que as telas fiquem protegidas do vandalismo. Para isso, podem ser instalados vidros resistentes e anti-reflexo ou tapumes. A cidade poderá ter espaços urbanos transformados em pólos culturais.

As exposições podem retratar cenários da região e patrimônios históricos locais e regionais.

Proposta 4

Realização de eventos musicais e artísticos que divulguem por toda cidade o

Movimento Antipichação

Como pichação não tem nada a ver com cultura, a Administração Municipal utilizará eventos para a massificação do Movimento Antipichação, conscientizando a população a ajudar a manter Campinas sempre bonita. O intuito é conscientizar a população sobre os malefícios causados pela pichação.

A Prefeitura, em seus eventos, divulgará a disponibilidade à população de canais para denunciar esse tipo de infração e seus infratores. Serão divulgados diversos números como o 153, da Guarda Municipal, o Disque Denúncia e o 190 da PM para denúncias anônimas contra os pichadores. Lembrando sempre também que, de acordo com o artigo 65 da Lei Federal de Crimes Ambientais n.º 9605/98, quem pichar qualquer prédio ou monumento urbano pode ser punido com detenção de três meses a um ano e pagamento de multa.

Proposta 5

Realização de palestras e eventos que foquem a questão da preservação do patrimônio histórico, cultural e predial de Campinas.

Criar campanha de revitalização da história de Campinas, estimulando a adesão da população, incluindo empresários, imprensa e celebridades locais, recuperando a auto-estima da cidade. Com a utilização de canais de comunicação será mais fácil inculcar nas pessoas sentimentos de civilidade pela cidade, tornando mais eficazes o estímulo a adoção de uma maior conscientização e preservação da histórica local, focando a Proteção e Melhoria da Paisagem Urbana. As palestras podem abordar as seguintes temáticas:

- Restauração de fachadas, terraços e coberturas em edifícios de moradias privadas.
- Renovação da fachada externa dos estabelecimentos comerciais.
- Restauração de vitrais artísticos.

Para o bom andamento do programa podem ser fixadas algumas metas, dentre elas o uso ordenado e racional da paisagem urbana como instrumento decisivo para a conservação do ambiente; contribuição para a manutenção e melhoria dos valores fundamentais da paisagem e dos valores paisagísticos que compõem a imagem de Campinas; incentivo à participação da sociedade civil e do setor privado na responsabilidade de manutenção e recuperação direta da paisagem, entre outros.

Com essa ação pode ser desenvolvido um inventário de elementos de interesse paisagístico. Campinas é repleta de pequenos detalhes que enchem as ruas com uma grande diversidade de símbolos, muitos dos quais já históricos. São elementos de interesse urbano que, com o tempo, adquiriram um caráter simbólico, com a população os reconhecendo como parte integrante da paisagem, ainda que sem valor de mercado. Um semáforo mais antigo, um relógio, uma inscrição numa fachada, um detalhe de uma loja. Centenas de elementos podem ser recolhidos e catalogados.

A população pode participar ativamente dessa catalogação. Para que a cidade visualize a mudança representada pela melhora da sua paisagem urbana, podem ser adotadas zonas de proteção especial. Esses locais caracterizavam-se, inicialmente, pela intervenção da prefeitura no restauro de um espaço público visando provocar uma manifestação coletiva dos proprietários dos arredores para que também investissem, com ajudas especiais, na modernização das fachadas, vitrines de lojas e eliminação de barreiras arquitetônicas, entre outras ações que dependiam da iniciativa privada.

Com isso surgem rotas de paisagem, pois, deve-se conhecer para preservar. Partindo deste pressuposto, as rotas de paisagem podem ser instituídas com o objetivo de disponibilizar itinerários culturais que divulgassem o patrimônio arquitetônico da cidade, estimulando a sua manutenção e conservação, bem como a potencialização dos valores de civilidade, que fazem as relações cidadãs mais confortáveis, justas, socialmente equilibradas e democráticas.

Esses eventos visam acentuar na população a fiscalização da paisagem para garantir, pelos cidadãos, a preservação da paisagem urbana. Pretende-se, que os cidadãos canalizem facilmente as queixas, reclamações e sugestões relativas à manutenção da paisagem urbana, tanto privada quanto pública. Essa abertura obriga que os cidadãos tenham um esmerado conhecimento do regulamento, pois o campo de ação da Fiscalização fica reduzido ao âmbito dos preceitos normativos. Essa ação de ampliar a fiscalização oferecerá às empresas e entidades campineiras a possibilidade de relacionar-se com a Administração municipal para a melhoria dos elementos da paisagem urbana.. Este acordo

implica na adesão das empresas ao projeto e aos objetivos da campanha. As entidades serão objeto de campanhas periódicas de comunicação para que mostrem à população a importância de compartilhar a responsabilidade público-privada em relação à paisagem urbana.

Proposta 6

Confecção de Folder ou Cartilha com a Carta da Idéia do Movimento, As Leis e todas as ofertas culturais para divulgação da campanha em combate a pichação como forma de depredação do patrimônio público e privado.

Proposta 7

Realização de encontro de grafiteiros com exposições, mostras e realização de trabalhos, com o objetivo de reunir artistas do grafite, promover ações artísticas, divulgar as oficinas e a campanha.

O encontro fica previsto para o mês de fevereiro de 2007.

Proposta de revitalização e limpeza

Proposta 1:

Realizar uma grande faxina na cidade para que se possa avaliar se o Movimento está dando resultado.

Metodologia: A atuação deverá ser em várias frentes:

1 – Montagem de Equipe de “Despichação”.

A Prefeitura de Campinas monta uma equipe com homens, maquinário e veículos para “Despichação” da cidade iniciando por espaços públicos, (como sugestão o Viaduto Lix da Cunha) etc. Equipes terceirizadas, para “Despichar” grandes áreas, tipo grandes muros, tapumes, etc. Dependendo do local é aplicado um tipo de tratamento que cobre a pichação. Os testes já foram feitos e é muito positivo. Os proprietários de imóveis particulares que queiram receber a equipe de “Despichação” devem autorizar por escrito. A equipe sai diariamente para cobrir determinada rua ou avenida com base em diagnóstico prévio realizado por uma equipe conjunta da Coordenadoria de Patrimônio Cultural, da Secretária Municipal de Cultura, Esporte e Lazer e da Secretaria Municipal de Urbanismo.

2 - Montagem de Equipe permanente para pintura e revitalização:

Composta de 2 veículos sendo (1 kombi para transporte de 8 pessoas), 1 caminhão $\frac{3}{4}$ para transporte de material, essa equipe trabalhará especificamente em espaços que necessitassem de um melhor tratamento. Terá o acompanhamento de técnico da Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, e de um especialista em revitalização de monumentos. Será composta por pintores profissionais de paredes (da prefeitura e recrutados dentro os reeducandos do Ataliba, com progressão de penas).

Caso não haja impedimento de ordem jurídica o proprietário de imóvel pichado que queira repintar sua fachada poderá fornecer o material básico que a equipe promoverá a pintura da mesma, entrando o Poder Público com a mão de obra e o proprietário com o material.

3 – Fixação da Marca do Movimento e dos telefones do Disk Denúncia e Disk Arte nos tapumes, muros e locais limpos.

- “Este local foi revitalizado”

Pichação é crime, Denuncie a Pichação no Disque Denúncia 3236-3040.

Arte é Vida: Aprenda e pratique: Disque Arte 156.

Movimento tal (Talvez – Campinas – Cidade Limpa)

4 – Divulgação através de mala direta, visitação pessoal de voluntários (acadêmicos de arquitetura, artes plásticas, escolas engajadas, escoteiros, entidades diversas, etc) para estimular empresas e edifícios que tiveram suas fachadas pichadas para que repintem e coloquem monitoramento eletrônico de vídeo em suas fachadas.

Proposta 2:

Estímulo contínuo à população a inibir pichações

A tática pode ser a seguinte: pintar sempre logo cedo por cima das pichações que houverem. É importante que seja logo de manhã cedo e que seja algo persistente. No início pode haver pouco resultado, pois pode parecer na noite seguinte já uma pichação nova. Porém, com o tempo, as pichações ficarão mais esparsas. Esta tática com certeza não acabará com o problema, pois sempre surgem novos infratores, mas o objetivo é maximizar o tempo, durante um ano, que o muro fica livre de pichações.

A tática pode ter sucesso por dois motivos principais. O primeiro é que os pichadores procuram maximizar a geração de informações (pichação sempre tem informação) e, ao pintar-se logo pela manhã, as informações geradas são destruídas e pouca ou nenhuma pessoa vê o que estava lá. O segundo motivo é mais óbvio: pichadores em geral tem menos dinheiro que os proprietários de imóveis. Na verdade, uma lata de spray não é algo tão barata e a tinta que é usada no muro é de um tipo mais barato. O muro não é extremamente bonito pintado, mas é muito melhor do que com as pichações.

Por esses motivos, os pichadores logo aprendem que aquele muro não é um local adequado para seus propósitos (distribuir informação). Além do que, eles poderão estar sob a vigília da polícia e do proprietário do imóvel. Esta é uma tática que pode se mostrar efetiva. Ela requer investimento, que não é grande, mas que decresce com o tempo até, de fato, se tornar mais econômica do que pintar o muro com um período grande (anualmente, por exemplo).

Proposta 3

Uso de Materiais Anti-Pichação

Mais conhecida como linha antipichação, a linha de revestimentos desenvolvida para aplicação em fachadas, tendo como maior diferencial, o fato de, mesmo diante de pichações com spray, o revestimento poder ser limpo com produtos como água, álcool, solventes, etc; uma vez que a superfície impede a penetração da tinta, em função da inexistência de poros na superfície. Sem similares no mercado, o produto é fruto de uma série de inovações tecnológicas, que vão da formulação da massa e dos esmaltes e corantes utilizados até o processo de queima. Hoje existente e disponível em diversas cores, permite a limpeza das pichações é feita com estopa e água, e a garantia também é de cinco anos.

Fontes:

http://www.expressao.com.br/finep/premio_finep_venc.htm

http://www.bosch.com.br/mundobosch/br/bricolagem/reportagens/report_mes_det.asp?cdg=443

http://www.ceusa.com.br/frame/fram_prod.htm

<http://www.jonhson.com>

Proposta 4

Transformação de Fachadas em Telas

É uma solução criativa e ousada que pode evitar a pichação, transformando os muros de edifícios em telas. Pioneiros no Rio de Janeiro, alguns prédios da Zona Sul misturam a estrutura clássica com o grafite, que sai da marginalidade e ganha status de obra de arte.

Com isso a arte do grafite se impõe no cenário artístico, de maneira definitiva, com um ineditismo, que ultrapassa a fragilidade de uma proposta de questionamento de suportes ou da crítica social, suas características e sua atualidade renovam e dão alento a um cenário um tanto cansado das artes visuais. O diálogo do grafite-arte não é mais com a galeria, e sim com o espaço da cidade: o edifício, a rua, o pedestre, a casa, o viaduto.

Essa intervenção urbana é uma realidade que modifica o cenário da cidade a cada dia. Os muros grafitados interrompem o passo, diminuem a velocidade e renovam as esquinas. Algumas casas surpreendem ao escolherem o grafite-arte como referência de suas fachadas. Este processo artístico pode promover na cidade um novo prazer visual, comparado aos vazios das praças, quando se dá a pausa do corre-corre. É a pausa da contemplação.

Proposta 5

Utilização de vegetação em paredes e muros

Algumas plantas (como a Hera) são capazes de tomar conta das paredes de muros, casa e edifícios em alguns meses.

Podem ser soluções para impedir que vândalos sujarem com pichações.

Proposta 6

Estímulo à utilização de grades ao invés de muros

A utilização de grades inibe a pichação..

Propostas de Comunicação

Proposta 1

Criação da marca e o nome oficial do movimento

Proposta 2

Criação do site oficial do Movimento com alternativas para divulgação de todas as ações; fotografias “antes e depois” dos imóveis que sofrerem revitalização e troca de informações.

Proposta 3

Criação de materiais publicitários de divulgação e alerta contra o problema da pichação. Esses conteúdos estarão distribuídos em materiais para TV, Rádio, internet, panfletos, cartazes, adesivos, outdoors, dentre outros.

Formas de Atuação:

1 - Disque Pichação: Utilizando a estrutura do Disque Denúncia, dando foco às questões de anonimato, exercício de cidadania, etc.

2 – Disque Arte: Utilização da estrutura do 156, que fornecerá todas as informações relativas a cursos gratuitos de artes a serem oferecidos pela Prefeitura e outros parceiros,

bem como cursos e concursos de grafiteagem e demais informações que facilitem a que um parente, amigo ou o próprio pichador possam encaminhar ou dirigi-lo para atividades de arte e capacitação promovidas pelos parceiros.

3 – produção de 4 VTs e spots de rádio

VT 1 - Produção de VT com as duas informações:

- Elementos básicos da informação –

Melhor do que ser denunciado é ser encaminhado ao Disque Arte.

Pichação é crime; denuncie Pichação no Disque Denúncia.

Grafite e pintura é arte: saiba tudo sobre cursos gratuitos ligando para o Disque Arte.

VT 2 - Produção de VT mostrando o que é, e qual a importância de preservação do patrimônio histórico.

“Quando um monumento é pichado ou destruído, a sua própria história está Sendo esquecida.”

VT 3 - Produção de VT mostrando a cidade feita quando é pichada, pessoas com suas casas pichadas e a diferença mostrando a necessidade de de ter Campinas como uma limpa, bonita e boa de viver.

Casas humildes, de classe média e grandes edifícios pichados. O prejuízo material dessas pessoas e a satisfação de estarem participando da campanha e limpando seus prédios.

Propostas de Segurança Pública

Proposta 1

Implantação do Disque Pichação ou adequação deste nos sistemas de denúncia já existentes, tais como o Disque Denúncia, Disque 156 da Prefeitura, Disque Guarda Municipal e Disque Polícia Militar.

Forma de atuação:

1 – Adequação do Disque Pichação no Disque Denúncia ou outros canais de denúncia, como canal de comunicação direta entre a população, os participantes da Rede de Vigilância e os órgãos de segurança.

Adesivos com o telefone do Disque Pichação para taxistas, farmácias e outros estabelecimentos;

Mensagens nas Contas da Sanasa, CPFL, companhias telefônicas, holerites de servidores de repartições e grandes empresas informando do Disque Pichação;

Impressos (cartazes e panfletos) para distribuição juntos aos partícipes da Rede;

Produção de peças publicitárias para Rádio e TV informando do Disk Pichação e do Disk Arte.

Realização de reuniões entre o Disk Pichação, Guarda Municipal e Polícia Militar para estabelecimento de estratégias operacionais com o objetivo de transformar a informação ao Disk Pichação em ação on-line com resultados efetivos e imediatos.

Implantação de equipe para atuação permanente com profissionais de comunicação, para visitação e realização de palestras para os integrantes da rede.

Proposta 2

Criação da Rede de Vigilância Contra a Pichação.

Participantes:

Guarda Municipal, Polícia Militar, Disque Denúncia, taxistas, motoristas de ônibus, funcionários de clínicas e hospitais, garçons e trabalhadores em bares e restaurantes, porteiros de edifícios comerciais e condomínios, vigilantes noturnos de empresas privadas.

Essa Rede de Vigilância terá sua elaboração estratégica, sua gestão técnica e sua centralização sendo feita pela Guarda Municipal de Campinas.

A Guarda Municipal estuda a possibilidade de disponibilizar 2 veículos com 4 GMs para atuação no período noturno, com um selo do movimento anti pichação e que atuará prioritariamente no atendimento a chamadas emergenciais disparadas pela Rede de Vigilância, através do DISQUE DENÚNCIA, e, caso acionada para atendimento às demais demandas. Sua atuação se dará principalmente em quadrilátero central que contemple inclusive o centro histórico e comercial. É importante a visibilidade da vigilância anti pichação nessa ação.

Formas de Atuação

Definição com os órgãos de segurança sobre as ações a serem desenvolvidas junto à mídia e outros organismos objetivando dar visibilidade aos resultados da ação.

Proposta 3

Monitoramento de Prédios Públicos e prestação de serviços de monitoramento à população. A Prefeitura de Campinas instalará em prédios públicos, em especial monumentos e edifícios históricos, sistemas de monitoramento eletrônico tipo comercial/residencial, que permitirá a identificação de infratores. Colocação de câmeras de vídeo acopladas ao monitoramento eletrônico de edifícios próximos a monumentos históricos, no próprio sistema e equipamento do edifício. Exemplo: o Hotel da rede The Royal, na Praça Carlos Gomes, pode abrigar o computador que irá monitorar o monumento de Ruy Barbosa na mesma praça.

Articulação da IMA-Prefeitura com fabricantes de sistemas de monitoramento eletrônico residencial e comercial para licenciamento de cópias com preço mínimo para aquisição por empresas ou residências que tiveram suas fachadas pichadas. A IMA faz, a instalação do sistema no computador do interessado e das câmeras na fachada do imóvel.

Proposta 4

Constituição de um Sistema de Segurança contra crimes contra o patrimônio. Esta ação consistirá na centralização de informações, orientação às repartições Policiais Cíveis, da Guarda Municipal e da Polícia Militar a distribuir a comunicação de crimes e realização de operações em regiões que apresentem uma maior incidência de delitos específicos ou que exijam maior aporte estrutural.

Bancos de Dados irão gerenciar e armazenar informação sobre crimes de pichação e depredação de patrimônios públicos e privados.

Propostas Sociais / Cidadania

Essas ações devem ser desenvolvidas conjuntamente com outras ações do Movimento, tais como a educativa, cultural e de reeducação de infratores em penas.

Proposta 1

Atuar por meio de ações sociais através de oficinas de arte educação para adolescentes que receberem medidas sócio educativas em meio aberto de Prestação de Serviços a Comunidade - PSC, quando o motivo da medida sócio educativa for por “Pichação em locais Públicos”, atendimento este já integrado ao atendimento psicossocial desenvolvido pelo programa municipal RESGATE.

Estas ações serão desenvolvidas por um corpo técnico especializado, sob gestão da Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social, que possui parceria com o poder judiciário da Infância e Juventude, assim como com entidades da sociedade civil e demais órgãos governamentais, tudo com o propósito fundamental de proporcionar condições adequadas de eficaz execução das medidas sócio educativas para adolescentes autores de atos infracionais.

Para se atingir as metas propostas, será de grande relevância o estreitamento das parcerias. Estes serão os meios pelos quais será possível o desenvolvimento de ações sociais que possibilitam a efetiva execução dos programas acima elencados. Esta proposta trabalhará basicamente a questão do resgate da população juvenil que picha os locais públicos da cidade.

Em relação aos jovens maiores de 18 anos está em fase de articulação com a Central de Penas (Governo do Estado) no cumprimento de penas alternativas com vistas a trabalhos educativos, incluindo discussão com o Poder Judiciário.

Proposta 2

Realização de atividades comunitárias com cunho cultural, de entretenimento para reverberar nas periferias e bairros mais centrais, sob a organização de grafiteiros e expichadores, a importância do combate a pichação, bem como, por meio de uma linguagem acessível trabalhada por esses organizadores, a advertência quanto ao aumento da repressão e da repreensão que será dada em Campinas por parte de todo o policiamento.

Esses eventos terão caráter social sob o aspecto de advertir jovens pichadores quanto ao risco de serem repreendidos caso forem pegos pelas polícias locais. Terão um caráter preventivo, educativo, cultural e de cidadania.

Incluindo uma programação mensal permanente em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer tendo como sugestão dois eventos, um centralizado no Teatro de Arena do CCC- Centro de Convivência Cultural e outro descentralizado atendendo assim as diversas regiões conjuntamente com a Coordenadoria da Juventude.

Proposta 3

Em parceria com a Coordenadoria de Comunicação e o Programa Jovem.com disponibilizar aos jovens da cidade de Campinas um canal de comunicação/expressão através de um Portal da Juventude, um espaço colaborativo e de informações relevantes aos

jovens, proporcionando assim um meio de comunicação direta com a Administração Municipal e entre as juventudes de Campinas. .

Proposta 4

Proporcionar às famílias dos jovens informações sobre medidas sócio-educativas ou penas alternativas, esclarecimentos quanto às atividades realizadas na cidade que visam prevenir o problema, com o intuito de evitar que novos familiares e os mesmo reincidam no problema. Serão prestadas as estas famílias, caso haja necessidade, a inclusão em programas sociais que fornecem auxílios e bolsas, bem como cestas básicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viabilidade e ações transversais

As ações propostas, após analisadas as viabilidades técnica, jurídica e financeira, devem ser discutidas sob o ponto de vista da transversalidade entre os diversos grupos. Como interagir um grupo com o outro?

Recursos necessários e suas origens

Outra indagação a ser feita, e que está sendo estudada pela Administração Municipal, é sob os recursos orçamentários e financeiros, além de parcerias com a iniciativa privada através de apoios, patrocínios e/ou doações para que as medidas de ordem operacional possam acontecer sem sofrerem paralisações. Para que a Guarda Municipal disponibilize equipamentos e pessoal para a ação, isso gera um custo não previsto orçamentariamente.

A manutenção de veículos e pessoal, bem como material para as equipes de “Despichação” e pintura também gera despesas, da mesma forma não previstas anteriormente. A implantação de monitoramento eletrônico comercial em prédios e equipamentos históricos também carece do respaldo financeiro. Da mesma forma, a contratação de monitores e aquisição de material para oficinas permanentes de grafite e Pintura.

Dada a importância do assunto o que se busca no momento é o deslocamento de recursos de outras áreas do orçamento do município para atendimento a essas demandas através da concordância do Executivo e através de emenda coletiva que poderá ser proposta pela base parlamentar do governo com o apoio dos demais vereadores.

Coordenação operacional do Grupo Permanente de Revitalização

Uma das sugestões é de o Grupo Permanente Anti Pichação, em sua área operacional de revitalização atue sob a coordenação da Coordenadoria de Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura Esporte e Lazer, conduzindo as ações em estreita interação com as Secretarias de Urbanismo e de Infra-estrutura.

Coordenação operacional do Grupo Segurança

A sugestão é que o Grupo seja coordenador pela Guarda Municipal interagindo com os demais órgãos de segurança e do judiciário.

Coordenação operacional Grupo de Ações Culturais, educativas e sociais.

A sugestão é que o Grupo seja coordenado por representantes das secretarias com a participação de instituições da sociedade civil que possam disponibilizar tempo para as ações do grupo.

Coordenação Consultiva e de avaliação permanente

Sob o ponto de vista consultivo e do debate convém a montagem de uma coordenação que realize periodicamente reuniões de avaliações não apenas das questões operacionais como conceituais. Com uma agenda permanente o Grupo deve se reunir pelo menos uma vez por mês ou a cada 45 dias. Nele terão assento todas as entidades e instituições participantes do Movimento ou que a ele venham se agregar.

Dessa forma sugerimos a criação de uma Secretaria Executiva responsável pela centralização e distribuição das informações, possivelmente com a disponibilização de um servidor municipal para o desenvolvimento de referida tarefa.

A participação da imprensa

A participação da imprensa, seja na área jornalística seja na área publicitária é imprescindível para o sucesso do movimento. O compromisso dos veículos de comunicação com a Cidade de Campinas deve ficar expresso nas ações de cobertura jornalística, e na divulgação de peças publicitárias da campanha. As campanhas institucionais a serem produzidas devem merecer um destaque especial, na condição de apoio, de todos os veículos de comunicação.

A degradação visual da cidade inibe investimentos e traz enormes prejuízos à economia de Campinas. O Poder Público deverá fazer sua parte, disponibilizando recursos materiais, humanos e financeiros, mas não terá condições de assumir todos os encargos. Somente através do envolvimento da sociedade organizada, empresas e da mídia, será possível mudar a situação. Esse comprometimento, portanto, deverá ser conquistado pela sociedade junto aos veículos de comunicação como a cota parte de todos no processo de mudança de rumos que almejamos.

Integrantes do Movimento Anti-Pichação

Rádio Educativa
Serviço 156
Fundação Dpachoal
Polícia Militar
IMA
Oficinas Culturais da RMC
Secretaria do Estado da Cultura
Fundação Educar – Dpaschoal
Câmara dos Vereadores
Habicamp
Coordenadoria da Juventude – Secretaria de Assistência Social
Secretaria de Municipal de Segurança
Zada Produções
Secretaria Municipal de Turismo

Secretaria de Cultura, Esportes e Lazer
Sinditaxi
Conselho Int. Segurança Pública Def. Civil
Condephaac
Sociedade Civil
Secretaria Municipal de Urbanismo
Delegada Seccional de Campinas
Secretaria Municipal de Educação
Sinditaxi
IMA
Conselho Titular I Norte Noroeste
Secretaria Municipal de Urbanismo
Conselho de Cultura
Secretaria de Assistência Social
Psicóloga Forense
Secretaria Municipal de Assistência Social
Conseg
Secretaria Municipal de Educação
Condepacc e Observatório do Capricórnio
Secretaria de Assuntos Jurídicos
Coordenador de Ação Cultural
Guarda Municipal
DPJ
Sinditaxi
Presidente da Banda Carlos Gomes
Disque-denúncia
Secretaria de Assistência Social
Rede Anhangüera de Comunicação
Polícia Militar